

ESTRADA DE DIREITOS

GUIA DE TRABALHO

PARA

IMPLEMENTAR

AÇÕES

VOLTADAS PARA

A REDUÇÃO

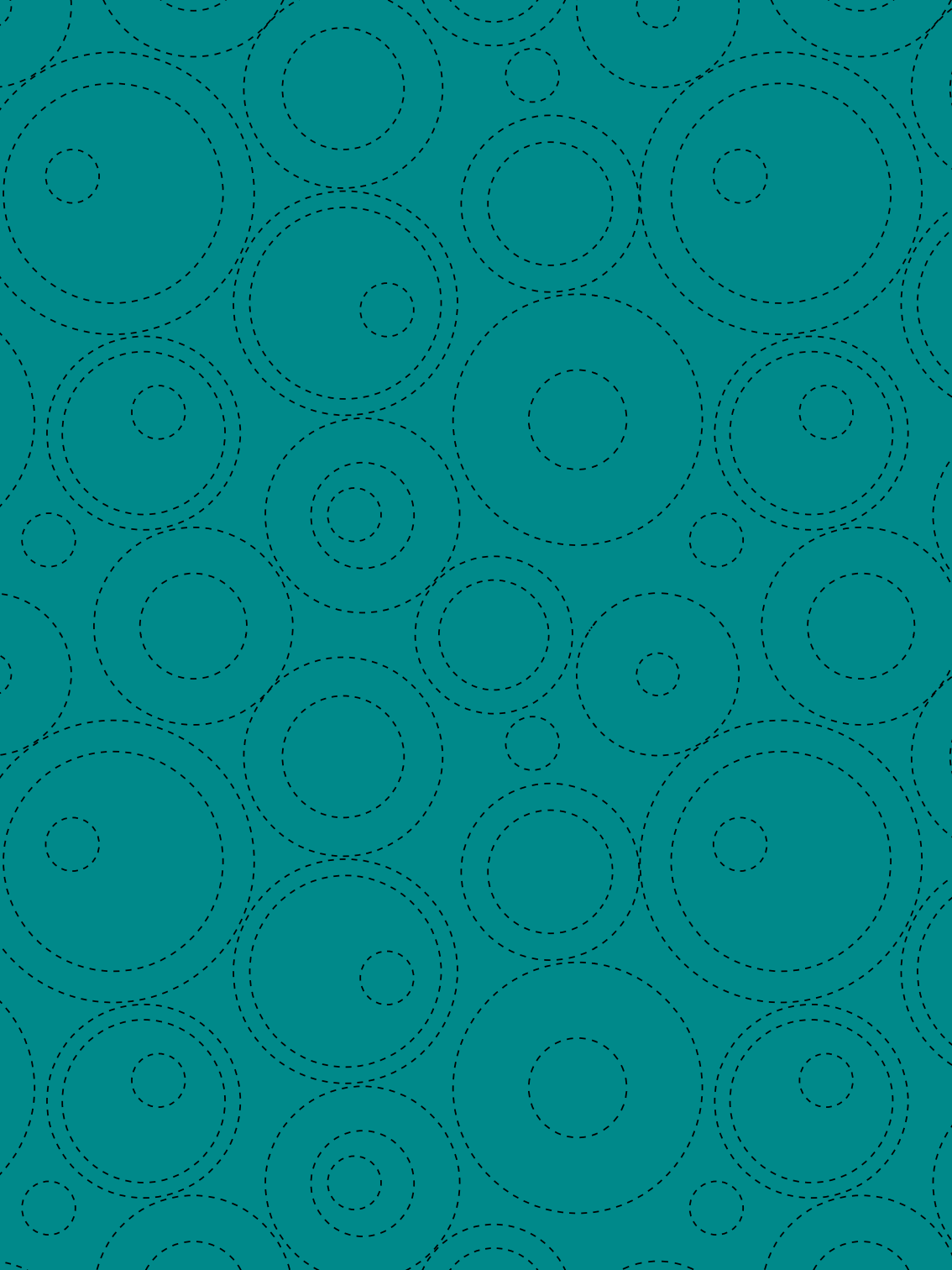
DAS

VULNERABILIDADES

DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES,

NAS CIDADES

DE AGUIARNÓPOLIS, ALIANÇA DO TOCANTINS,
BARROLÂNDIA, COLINAS DO TOCANTINS,
PUGMIL E WANDERLÂNDIA.



ESTRADA DE DIREITOS

GUIA DE TRABALHO

PARA

IMPLEMENTAR

AÇÕES

VOLTADAS PARA

A REDUÇÃO

DAS

VULNERABILIDADES

DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES,

NAS CIDADES

DE AGUIARNÓPOLIS, ALIANÇA DO TOCANTINS,
BARROLÂNDIA, COLINAS DO TOCANTINS,
PUGMIL E WANDERLÂNDIA.

INSTITUTO PROMUNDO

Miguel Fontes, PhD

Diretor Executivo

Luciano Ramos

Consultor Sênior de Programas

Rodrigo Laro

Consultor Sênior de Pesquisa e Avaliação

PLAN INTERNATIONAL BRASIL

Cynthia Betti

Diretora Executiva

Flávio Debique

Gerente Nacional de Programas e Incidência Política

Viviana Santiago

Gerente de Gênero e Incidência Política

Evelyn Silva

Gerente Financeira

Ana Paula de Andrade

Gerente de Comunicação e Marketing

Andreia Schroeder

Gerente de Captação de Parcerias

EQUIPE DO PROJETO

Rodrigo Laro

Coordenador geral do projeto (Promundo)

Nicole Campos

Coordenadora do projeto (Plan International)

Luciano Ramos

Coordenador de conteúdo (Promundo)

João Gabriel do Nascimento Nganga

Facilitador do projeto (Promundo)

Ana Nery Lima

Facilitadora do projeto (Plan International)

PESQUISA, REDAÇÃO E REVISÃO DO GUIA

João Gabriel do Nascimento Nganga

Facilitador do projeto (Promundo)

Luciano Ramos

Coordenador de conteúdo (Promundo)

Nicole Campos

Coordenadora do projeto (Plan International)

REVISÃO E COLABORAÇÃO DE CONTEÚDO DO GUIA

Renata Giannini

Consultora de gênero do Banco Mundial

COLABORAÇÃO DE CONTEÚDO DA ATIVIDADE 05

Joceline Silva

Psicóloga, educadora social (Plan International)

REVISÃO ORTOGRÁFICA

Bruna Martins

estagiária (Promundo)

PROJETO GRÁFICO E ILUSTRAÇÕES

REC Design

GOVERNADOR DO ESTADO DO TOCANTINS

Mauro Carlesse

SECRETÁRIA DA EDUCAÇÃO, JUVENTUDE E ESPORTES

Adriana da Costa Pereira Aguiar

SECRETÁRIO EXECUTIVO DA EDUCAÇÃO, JUVENTUDE E ESPORTES

Robson Vila Nova Lopes

RESPONSÁVEL PELO PROGRAMA ESTRADA DO CONHECIMENTO - PEC

Eusamar Araújo de Sousa

EQUIPE TÉCNICA DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO, JUVENTUDE E ESPORTES

Ailha Vieira da Silva

José Gilbert Arruda Martins

Maria Istélia Coêlho Folha

Yana de Sousa Santos

INSTITUTO PROMUNDO

SCN QUADRA 01 BLOCO E, SALA 202 -

EDIFÍCIO CENTRAL PARK

BRASÍLIA, DF - BRASIL - CEP: 70711-903

 promundobr

 promundo_br

 Promundo_Brasil

 www.promundo.org.br/

PLAN INTERNATIONAL BRASIL

RUA ENXOVIA, 472, SALA 1710,

VILA SÃO FRANCISCO.

SÃO PAULO, SP - BRASIL -

CEP: 04711-030

 PlanInternationalBrasil

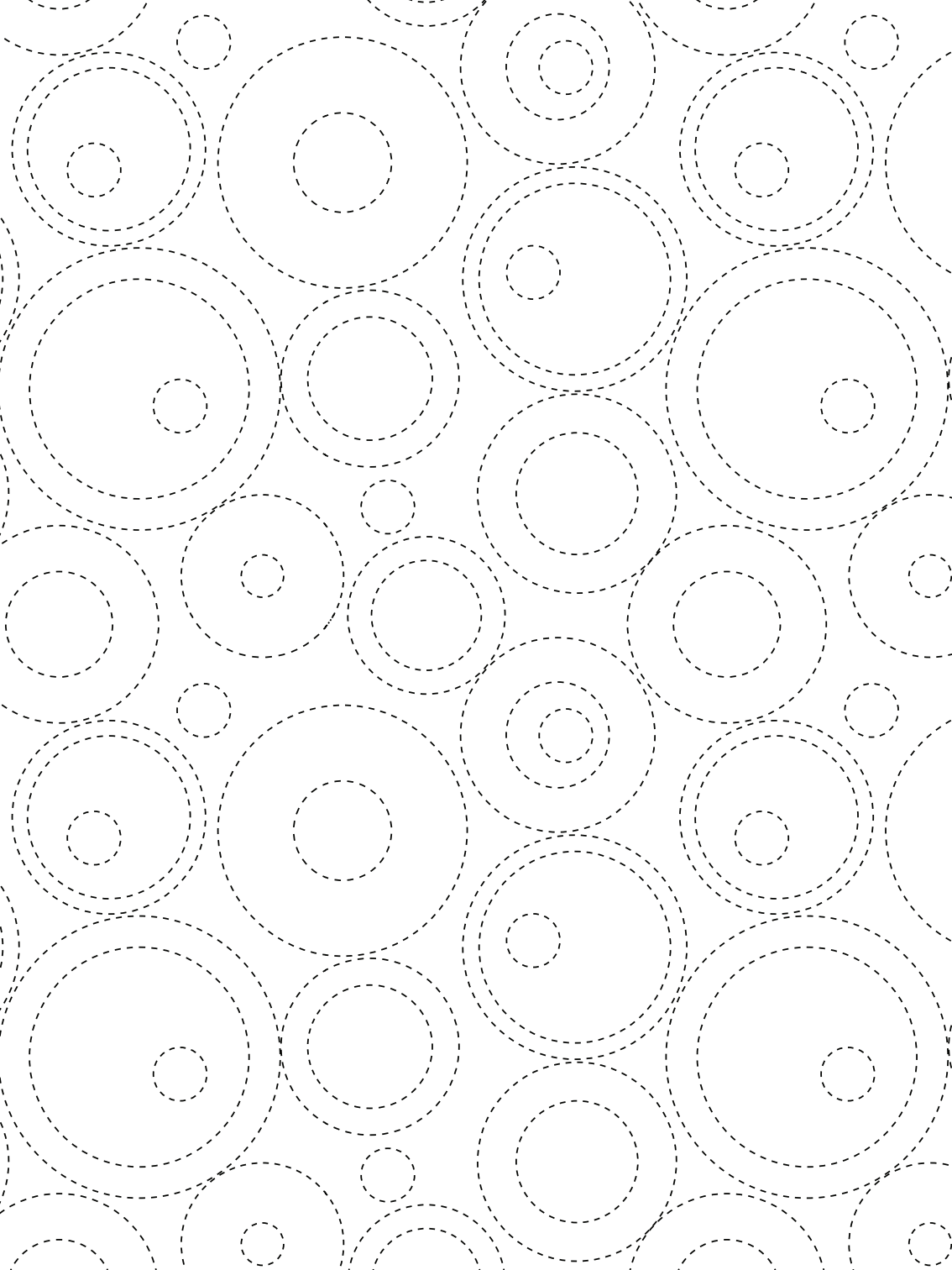
 planbrasil

 PlanBR

 PlanBrasilTV

 [plan-international-brasil](http://plan-international-brasil.org.br/)

 www.plan.org.br



SOBRE

O Plano de trabalho para implementar ações voltadas para a redução das vulnerabilidades de criança e adolescentes, nas cidades de Aguiarnópolis, Aliança do Tocantins, Barrolândia, Colinas do Tocantins, Pugmil e Wanderlândia

O Plano de trabalho para implementar ações voltadas para a redução das vulnerabilidades de criança e adolescentes, em escolas contempladas pelo Programa Estrada do Conhecimento (PEC), nas cidades de Aguiarnópolis, Aliança do Tocantins, Barrolândia, Colinas do Tocantins, Pugmil e Wanderlândia, tem como referência ações relacionadas à temática de violência baseada na diversidade de indivíduos e na desigualdade de direitos contra crianças e adolescentes, em especial a exploração e abuso sexual.

Este plano tem como base para fundamentação e execução, os seguintes documentos: Relatório da Pesquisa sobre Gênero e Violência contra Criança e Adolescentes nas escolas contempladas pelo PEC/SEDUC/Projeto de Desenvolvimento Regional Integrado e Sustentável (PDRIS); Orientações para elaboração do Plano de Ação de Fortalecimento; Mapeamento das rotas de atenção no Tocantins; Plano Estadual de Educação de Tocantins (PEE-TO 2015-2025); e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Os principais objetivos específicos deste plano de trabalho são:

- Sensibilizar comunidade escolar, mães e pais de alunos ou responsáveis e instituições da rede de proteção de crianças e adolescentes, além de representantes das secretarias municipais de saúde, educação, assistência social (entre outros) sobre direitos humanos e violência contra crianças e adolescentes;
- Identificar e adaptar uma metodologia bem-sucedida para capacitação de professores, facilitadores e supervisores em questões relacionadas à Violência Baseada na Diversidade de Indivíduos e na Desigualdade de Direitos, resolução de conflitos, promoção de igualdade de direitos e promoção da saúde sexual e saúde reprodutiva, o que inclui a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis;

- Elaborar material didático pedagógico a partir da metodologia selecionada para a realização de capacitação e treinamento de professores, facilitadores e supervisores em questões relacionadas à Violência Baseada na Diversidade de Indivíduos e na Desigualdade de Direitos, prevenção e detecção da violência contra crianças e adolescentes, inclusive a exploração sexual, bem como respostas apropriadas a relações abusivas e infecções sexualmente transmissíveis;
- Formar profissionais e técnicos da gestão e do corpo docente do ensino fundamental e médio, que atuam nos municípios Aguiarnópolis, Aliança do Tocantins, Barrolândia, Colinas do Tocantins, Pugmil e Wanderlândia, com base na metodologia deste Guia Didático Pedagógico;
- Identificar projetos e iniciativas relacionadas ao protagonismo juvenil e empreendedorismo que possam ser fortalecidas ou implementadas no âmbito das escolas que integram o Programa Estrada do Conhecimento (PEC);
- Realizar seminários nas cidades de Aguiarnópolis, Aliança do Tocantins, Barrolândia, Colinas do Tocantins, Pugmil e Wanderlândia, com a comunidade local, autoridades municipais e estaduais, profissionais da educação, assistência social, saúde e segurança pública sobre as ações implementadas e principais resultados.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	11
2. METODOLOGIA	15
3. COMO AS ATIVIDADES ESTÃO ORGANIZADAS	18
4. CHECK LIST	20
5. DICAS PARA FACILITAR AS OFICINAS	22
6. ATIVIDADES	32
7. CANAIS PARA DENÚNCIA DE VIOLÊNCIAS CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES	115
8. DICAS DE ATIVIDADES PARA REALIZAR COM ESTUDANTES	117
9. PLANO DE AÇÃO	119



1. INTRODUÇÃO

Este guia didático pedagógico está relacionado ao Programa Estrada do Conhecimento (PEC), que visa implementar ações voltadas para a redução das vulnerabilidades de criança e adolescentes, no que se refere a temática de violência baseada na diversidade de indivíduos e na desigualdade de direitos de crianças e adolescentes, em escolas das cidades de Aguiarnópolis, Aliança do Tocantins, Barrolândia, Colinas do Tocantins, Pugmil e Wanderlândia, no estado do Tocantins.

Diante do relatório da pesquisa sobre gênero e violência contra criança e adolescentes, nas escolas contempladas pelo PEC/SEDUC/PDRIS, foram identificadas vulnerabilidades econômicas e sociais que experimentam adolescentes, particularmente, relacionadas ao tema da violência baseada na diversidade de indivíduos e na desigualdade de direitos em 3 municípios (um de médio e dois de pequeno porte): Aguiarnópolis, Aliança e Colinas.

Uma das situações identificadas inicialmente no relatório é a exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias do estado, principalmente ao longo da BR-153 e suas margens. O relatório indica uma “geografia” conhecida dos pontos de exploração sexual e tráfico de drogas. Os municípios pesquisados registram pontos de médio e alto risco de exploração.

Embora não seja apresentado um recorte do sexo específico das vítimas no estado do Tocantins, os dados do Mapeamento de Pontos Vulneráveis à exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas Rodovias Federais Brasileiras evidenciam que a maioria das vítimas em nível nacional são meninas, em seguida transgênero e, por fim, meninos.

O relatório também cita fatores como falta de acesso à informação, educação, lazer, trabalho, saúde, e condições de uma vida digna como causas que ampliam ou diminuem as situações de risco na adolescência. No entanto, os indicadores e dados levantados sobre a situação de exploração sexual nas rodovias do Tocantins não revelaram outros importantes marcadores sociais sobre as vítimas, exceto a sua característica geracional.

Portanto, diante da lacuna de mais dados que possam notabilizar o perfil das vítimas, foi necessário pontuar que a compreensão da violência e da exploração sexual contra crianças e adolescentes relaciona-se a um contexto social mais amplo, de violência estrutural, que está presente em toda sociedade brasileira e “se manifesta em um quadro de injustiças sociais, disparidades econômicas, exclusão e falta de oportunidades que afetam a maioria da população, especialmente as minorias - tais como as comunidades tradicionais -, e as meninas, adolescentes e as mulheres negras e pardas” (MORESCHI, 2016).¹

A abordagem interseccional se constituirá como ferramenta teórica e metodológica a ser utilizada no decorrer deste guia, bem como nas atividades do projeto. Em síntese, essa abordagem ajuda a compreender a inseparabilidade estrutural, enraizada na nossa sociedade, das relações de raça/etnia, de classe social e

1 MORESCHI, Marcia Teresinha. Violência contra Crianças e Adolescentes: Análise de Cenários e Propostas de Políticas Públicas. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018.

do patriarcado e as articulações decorrentes disso, que histórica e socialmente reproduzidas, colocam as meninas, as mulheres negras e outras minorias mais expostas e vulneráveis aos trânsitos destas estruturas (AKOTIRENE, 2018).²

Portanto, um dos eixos do projeto é desenvolver formações com profissionais e técnicos da gestão e do corpo docente do ensino fundamental e médio. O objetivo é que eles e elas multipliquem para outros e outras profissionais o conteúdo deste guia didático e que as informações e aprendizados se transformem em ações concretas que contribuam para o respeito à diversidade e à promoção da igualdade de direitos para crianças e adolescentes.

O objetivo geral deste guia didático é ser um material de apoio para facilitadores(as), professores(as) e técnicos da gestão para que possam sensibilizar, acolher e apoiar estudantes no seu cotidiano, no que tange a questões relacionadas à igualdade de direitos e aos vários tipos de violências.

O guia traz atividades que estão ligadas aos temas: violências baseadas na diversidade de indivíduos e na desigualdade de direitos; prevenção e detecção da violência contra crianças e adolescentes, inclusive a exploração sexual, bem como respostas apropriadas a relações abusivas; identidades, direitos humanos e marcos legais; construção de estereótipos, preconceito e discriminação contra minorias; corpo, direitos sexuais e direitos reprodutivos; gravidez na adolescência e infecções sexualmente transmissíveis; saúde mental de crianças e adolescentes; exploração do trabalho infantil; comunicação, participação e democracia. Neste guia você também terá acesso a sugestões para a elaboração de um plano de ação para a implementação das atividades de multiplicação com seus pares.

A maioria das atividades foram adaptadas a partir de materiais que já são utilizados para trabalhar com jovens e têm eficácia comprovada. Tudo está referenciado e explicado em detalhes para ser o mais útil possível na realização de cada atividade. Este material é um guia para orientar e sempre estar junto no momento de preparação, de formação e de avaliação, bem como na realização das atividades.

2 Akotirene, Carla. O que é interseccionalidade?. Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2018.

MANUAL H: TRABALHANDO COM HOMENS JOVENS. Disponível em <<https://promundo.org.br/recursos/manual-h-trabalhando-com-homens-jovens/>>

PROGRAMA M: TRABALHANDO COM MULHERES JOVENS: EMPODERAMENTO, CIDADANIA E SAÚDE" - Promundo; Salud e Gênero; ECOS; Instituto PAPAI; World Education – Rio de Janeiro: Promundo, 2008. Disponível em <<https://promundo.org.br/recursos/manual-m/>>

PROGRAMA P: MANUAL PARA O EXERCÍCIO DA PATERNIDADE E CUIDADO" - Autor: Instituto Promundo Coautores: CulturaSalud/EME / REDMAS / Instituto Noos Colaboradores: Ministério da Saúde / Prefeitura do Rio de Janeiro / Instituto Papai, Rio de Janeiro: Promundo, 2015 (Segunda edição). Disponível em <<https://promundo-global.org/wp-content/uploads/2013/01/Programa-P-manual-para-o-exercicio-da-paternidade-e-do-cuidado-2015.pdf>>

MOBILIZA AÊ! JOVENS CONTRA A EXPLORAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES. Disponível em <https://promundo.org.br/wp-content/uploads/sites/2/2016/12/MOBILIZAE_Miolo04JULweb-2-1.pdf>



2. METODOLOGIA

As metodologias utilizadas neste guia didático foram adaptadas a partir dos materiais Manual H: Trabalhando com Homens Jovens; Programa M: Trabalhando com mulheres jovens: empoderamento, cidadania e saúde; Programa P: Manual para o exercício da paternidade e cuidado e; Mobiliza Aê! Jovens contra a exploração sexual de crianças e adolescentes. São materiais que dialogam entre si, e que, já foram testados, avaliados e reconhecidos como bons recursos para se trabalhar com os temas que este guia aborda.

A metodologia aplicada é a participativa, desenhada de forma em que o vivencial, o prático e o teórico, equilibrem-se. Trabalhamos a partir de nossa própria experiência, integrando o teórico com o olhar, o pensar, o sentir de meninas, meninos, mulheres e homens com quem trabalhamos. A metodologia educativa é replicável e adaptável a diversos setores da população. E também se baseia em:

- Compreender o trabalho num plano horizontal de reconhecimento, intercâmbios e apropriação de conhecimentos e poder, que ajudem em ações voltadas para a redução das vulnerabilidades e desigualdades de direitos de mulheres e homens.
- Contribuir no reconhecimento de sentimentos a fim de aprender a expressá-los de uma forma que não cause dano, nem a nós mesmos e nem aos outros — para isso é preciso aprender a comunicar de forma direta e a negociar.

SOBRE OS PROGRAMAS M E MOBILIZA AÊ!

A metodologia foi desenvolvida para ajudar educadoras(es) a envolverem mulheres jovens em discussões sobre como ideias rígidas a respeito do que significa ser homem e mulher afetam as opções e escolhas de mulheres em sua vida, saúde e sexualidade.

A metodologia das atividades parte das necessidades e da experiência de mulheres jovens para promover reflexões críticas sobre iniquidades de direitos sexuais e reprodutivos e para estimular sua autonomia em relacionamentos com familiares, no ambiente de trabalho e com seus parceiros.

As atividades destinam-se ao uso com grupos de mulheres jovens, embora com algumas adaptações, possam ser também utilizadas com mulheres mais jovens ou mais velhas, ou com grupos mistos. As atividades de grupo incluindo homens e mulheres podem ser espaços valiosos para a prática do respeito e do entendimento entre ambos.

SOBRE OS PROGRAMAS H E P

Estes Programas apresentam metodologias que propõem ressignificação das masculinidades a partir de questionamentos sobre as normas rígidas que definem social e culturalmente como homens e mulheres devem comportar, naturalizando em muitas situações as formas violentas dos homens de agir, agir com que os homens agem, desconsiderando o homem desconsiderando-o como figuras periféricas nas atividades domésticas. Por isso, as metodologias participativas postas nestes programas incluem os homens e, também problematizam o machismo, apontando a possibilidade da vivência de novas masculinidades.

SOBRE AS METODOLOGIAS TRABALHADAS NESTE MATERIAL

Falar sobre violência é sempre delicado e envolve muitos cuidados. Por isso, é importante planejar bem o que será realizado. Sugerimos que o grupo se aprofunde nos temas das atividades propostas, pois isso possibilitará potencializar os resultados.

As atividades seguem uma sequência para abordar questões mais delicadas pouco a pouco. Primeiro, é importante fortalecer os laços de confiança e as relações entre o grupo para só depois entrar na discussão temática. As atividades do guia favorecem a reflexão sobre as experiências de cada um(a) que, mais unido, pode se apoiar mutuamente e buscar serviços, etc.

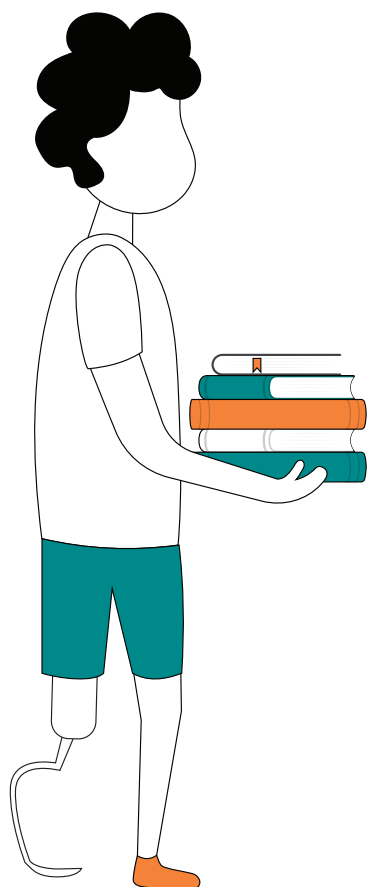
É interessante que a leitura do guia seja realizada, pois nele você encontrará suporte para falar sobre vulnerabilidades e desigualdades de direitos de crianças e adolescentes e indicar serviços e órgãos que recebem denúncias ou oferecem serviços de atendimento para esse público.



3. COMO AS ATIVIDADES ESTÃO ORGANIZADAS

Veja como explicamos cada atividade...

- **Tema da atividade:** Tema que será abordado na atividade.
- **Resultado de aprendizagem:** Informações sobre as expectativas de aprendizados ao final da atividade.



- **Como se preparar/estudar para a atividade:** Indicações de leituras e vídeos para que o(a) facilitador(a) se prepare para a realização da atividade.
- **Título da Atividade:** Título da atividade
- **Adaptação:** Informação sobre a origem da atividade, se ela foi adaptada de outro material didático-pedagógico ou se foi elaborado especificamente para este guia didático.
- **Resumo:** Explicação sobre a proposta da atividade, com informações sobre o tema que será abordado sobre a importância e necessidade de se trabalhar com a temática proposta.
- **Público:** Informação do público para quem é destinada a atividade.
- **Objetivo da atividade:** Descrição da informação e das reflexões e habilidades que serão trabalhadas na atividade. Sugerimos que a(o) facilitador compartilhe os objetivos da atividade com as(os) participantes ao início de cada uma delas.

- **Tempo recomendado:** Duração recomendada para a realização da atividade. As atividades do guia são projetadas para sessões de 30 a 90 minutos. O tempo para a realização de cada atividade pode variar de acordo com a quantidade de participantes e com o desenrolar dos debates. É importante levar em consideração o ritmo de trabalho das(dos) participantes e ter em mente que as atividades que ultrapassem o tempo de 2 horas podem ficar cansativas e ocasionar a dispersão do grupo.
- **Materiais necessários:** Os materiais necessários para a realização da atividade. Você pode substituir os materiais indicados por outros mais acessíveis. Por exemplo, se não tiver cartolinas, flip-chart ou papel pardo, pode usar a lousa.
- **Descrição da atividade:** Informação sobre as etapas necessárias para a realização da atividade. É o passo a passo. O(A) facilitador/a deve estar atento/a para verificar se as etapas são apropriadas para os/as participantes, se por acaso o grupo tiver dificuldade com a leitura de algum material, sugerimos que o(a) facilitador/a faça a leitura em voz alta.
- **Fechamento:** Fechamento com um resumo dos principais pontos ou mensagens da atividade. Você pode ler o texto em voz alta para o grupo ou dizê-lo com suas próprias palavras.
- **Folhas de Apoio:** Material complementar com informações adicionais sobre algumas atividades.



4. CHECK LIST

Por meio do *check list* abaixo, o(a) participante realizará uma autoavaliação da sua compreensão sobre as atividades realizadas. Sugere-se que essa atividade seja feita apenas no final do processo formativo. Imprima e entregue às/aos participantes, peça que leiam atentamente e marquem “sim” ou “não”. Este instrumento não precisa ser mostrado a ninguém, ele será uma guia para uma conversa sobre o alcance do objetivo da formação.

VOCÊ CONSEGUIU APRENDER QUE...	SIM	NÃO
ATIVIDADE 01 Crianças sofrem violências não apenas pelo fato de serem crianças, mas porque essa identidade se cruza com outras identidades que ela possui, fazendo com a sua vulnerabilidade seja ainda maior em diversos contextos (inclusive dentro da sua família)?		
ATIVIDADE 02 As situações de Preconceitos, Violências e Discriminações, especialmente contra as crianças e adolescentes, estão diretamente ligadas às construções de estereótipos?		
ATIVIDADE 03 É saudável construir com as crianças e adolescentes as bases (habilidades) para uma sexualidade positiva e não necessariamente precisamos falar de ato sexual com as crianças menores para apoiá-las nessa construção? É um direito de toda pessoa obter informação e meios para exercer uma sexualidade e uma reprodução saudáveis e livres de violências e discriminações?		

ATIVIDADE 04 Ter o HIV não é a mesma coisa que ter AIDS, quais são os métodos mais atuais para a prevenção do HIV e quais são os métodos para a prevenção das ISTs?		
ATIVIDADE 05 A exposição a situações de vulnerabilidades sociais, abusos e violências, podem tornar adolescentes mais vulneráveis a desenvolver transtornos de saúde mental?		
ATIVIDADE 06 É importante reconhecer as situações e tipos de violências, além de conhecer os canais de denúncia para contribuir na proteção de crianças e adolescentes?		
ATIVIDADE 07 É possível reconhecer situações de Exploração do Trabalho Infantil e as formas de prevenção e encaminhamento dessas situações?		
ATIVIDADE 08 Que a comunicação, principalmente no que se refere às redes sociais, são difusoras de informações, e que nos últimos anos, a disseminação de <i>fake news</i> (notícias falsas) aumentaram consideravelmente, sendo essa, uma prática prejudicial em nosso cotidiano?		

5. DICAS PARA FACILITAR AS OFICINAS

Seguem abaixo algumas notas para os(as) facilitadores(as) no sentido de contribuir com o desenvolvimento de algumas atividades no período de formação.

5.1 DICAS DE FACILITAÇÃO³

- As atividades que serão desenvolvidas podem ativar gatilhos emocionais e comportamentais, tanto nos(as) multiplicadores(as) e nos(as) participantes, quanto nas crianças, adolescentes e jovens que eventualmente possam fazer parte de alguma atividade desenvolvida nas escolas sobre o tema da violência. Neste sentido, é importante que seja criado um ambiente de empatia e cuidado, onde a confidencialidade e o respeito ao silêncio sejam premissas básicas, e caso seja necessário, que sejam notificados para as autoridades os casos de violência relatados pelos(as) participantes (se forem menores de 18 anos essa notificação é compulsória e deve levar em consideração os riscos potenciais de segurança para a vítima/sobrevivente da violência) ou informado às(aos) participantes os canais de denúncia e acolhimento.
- Faça com que as/os participantes reconheçam a natureza sensível das atividades sobre violências. Portanto, as/os participantes devem saber que não têm que participar de exercícios que lhes pareçam desagradáveis e tudo bem sair do espaço. Peça que se abstenham de divulgar temas pessoais de abuso e violência, já que isto com frequência anima que outras pessoas também divulguem quando talvez não se encontrem conscientemente preparadas para tal.
- O que NÃO fazer quando uma pessoa estiver contando uma história pessoal de violência ou abuso:

- Ouvir por um curto período de tempo e interromper a história do(a) orador(a) para contar uma história “melhor” que você conhece.
- Ouvir por um momento e não dar mais atenção ao(à) orador(a)
- Pressionar para mais informação
- Rir, fazer alguma piada ou minimizar a situação relatada
- Escutar e depois fazer um comentário exagerado
- Como se comportar diante de um relato de violência ou abuso: Ouça com atenção o ponto de vista do(a) orador(a) sem interromper. Tente visualizar o que estão “vendo” com os olhos de suas mentes enquanto eles(elas) falam com você. Deixe os silêncios acontecerem. Se apropriado, faça sons ou gestos de suporte. Reflita sobre o que eles(las) estão dizendo usando suas próprias palavras.
- Para apoiar as vítimas/sobreviventes de casos de violência relatados, faça um mapeamento rápido dos canais de denúncia disponíveis no município. Nacionalmente, os canais de denúncia disponíveis são: 1) Disque 100 - para denúncias de violações de Direitos Humanos e Violência contra crianças e adolescentes; e 2) Disque 180 - recebe denúncias de violência contra mulheres, reclamações sobre os serviços da rede de atendimento à mulher e orienta as mulheres sobre seus direitos e sobre a legislação vigente. Localmente, o município pode contar com o telefone da Polícia Militar em casos de emergência (190), com delegacias, conselho tutelares, Conselho Municipal da Criança e do Adolescente (CMDCA), CRAS e CREAS.
- Muitas das atividades incluídas aqui tratam de temas pessoais sensíveis e complexos às(aos) participantes, por isso recomendamos que sejam facilitadas por pessoas que se sintam seguras para trabalhar com estas temáticas e que tenham o apoio de suas instituições e/ou outros(as) profissionais.
- Estabeleça acordos básicos sobre atenção, respeito pelas(os) outras/os participantes, confidencialidade e participação.

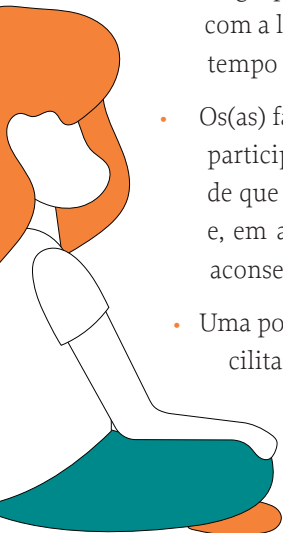
3 Foram adaptadas dos manuais H, M, P e Mobiliza Aê!

- Seja amigável e crie um bom relacionamento com as(os) participantes.
- É importante que haja um equilíbrio na voz de todas(os) as(os) participantes. Sempre em um grupo, algumas pessoas costumam falar mais que outras. Se isso tornar-se recorrente, é importante que o(a) facilitador(a) incentive quem ainda não falou para responder alguma pergunta ou realizar alguma atividade importante. Nos bastidores, pergunte sobre os talentos e habilidades das pessoas mais caladas e menos participativas de modo que algumas atividades possam ser endereçadas a elas de maneira confortável. Por exemplo: essa pessoa toca um instrumento, desenha muito bem, ou gosta de ler e escrever poesias. Peça que na próxima atividade ela ajude a preparar um cartaz, que no dia seguinte nos brinde com uma canção que tenha a ver com o tema que será trabalhado.
- Perceba as relações de poder que circulam implicitamente ou explicitamente no ambiente do grupo. Pode ser que as pessoas com cargos de chefia sejam sempre as primeiras a falar e que as demais possam se sentir acuada ao expor uma opinião contrária, que os homens estejam sentados sempre nos melhores lugares da sala, que os mesmos grupos se juntem para fazer atividades e excluam algumas pessoas. Pense em como integrar melhor as pessoas e como fazer com que as relações de poder tenham um impacto menor no andamento do processo. Uma dica é sempre separar grupos usando técnicas imparciais, como sorteios. Ou pode ser que você intencionalmente precise misturar homens e mulheres, pessoas de cores/raças/etnias diferentes com frequência para garantir algum equilíbrio, ou seja o contrário. Talvez não seja uma boa ideia em um determinado grupo misturar pessoas que possam ter mais poder nas relações, inibindo a participação de outras.
- Traga sempre exemplos ou referências contextualizadas às realidades dos(as) adolescentes e jovens das escolas. Porém, nunca utilize informações reais das crianças e adolescentes. Também é importante que se deem de lado exemplos e atitudes que reforcem estereótipos.
- Desaconselhe sempre o espírito de competição nas atividades.

- Lembre-se de que a informação deve ser fornecida de forma não-autoritária, neutra e sem julgamentos. Você nunca deve impor seus sentimentos às(aos) participantes.
- Tenha consciência da linguagem e da mensagem apresentada às(aos) participantes. Por exemplo, ao discutir com as(os) participantes a questão da violência, é necessário ter cuidado com termos como “combate a violência”, “eliminação da violência” palavras que já trazem consigo uma linguagem bélica e contrária ao que está sendo trabalhado.
- A experiência na utilização destes materiais indica que é preferível usar as técnicas em seu conjunto, e não de forma isolada.
- Deve-se proporcionar um espaço físico adequado para realizar as atividades sem restrição de movimentos. Evite a arrumação no estilo sala de aula. Em vez disso, faça com que as(os) participantes sentem em círculo durante as discussões para promover maior interação. O espaço também deve ser privado no sentido de que seja respeitoso, onde não haja julgamentos ou críticas a priori das atitudes, linguagem ou posturas, bem como os(as) participantes se sintam confortáveis para discutir assuntos delicados e opiniões pessoais.
- Situações de conflito podem acontecer. Cabe aos facilitadores intervir, tentando estabelecer um consenso e respeito à diferença de opiniões.
- O trabalho deve ir se aprofundando, atentando sempre para ir além de um possível “discurso politicamente correto”.
- Lembre-se de refletir sempre sobre as atividades e perguntar às(aos) participantes como elas(es) podem aplicar o que aprenderam em suas próprias vidas.
- Verifique suas suposições. Preste atenção se as(os) participantes de um determinado grupo étnicorracial, social, cultural ou religioso provocam emoções fortes em você. Use sua reação como oportunidade de refletir e superar suas suposições e preconceitos.
- Se um(a) participante fizer comentários exagerados ou fornecer informa-

ções equivocadas e mitos durante a discussão, tente pedir maiores informações e certifique-se de fornecer fatos e informações precisos. Você pode, também, perguntar se outra(o) participante tem uma opinião diferente; você pode dar a sua opinião fundamentada em fatos.

- Lembre-se de que, embora as(os) participantes às vezes ajam como se fossem bem informadas(os) sobre sexo, elas(es) em geral têm dúvidas sobre relacionamentos e saúde sexual.
- Os pontos de discussão, sugeridos nas técnicas apresentadas, não precisam ser usados necessariamente no final das técnicas, mas podem ser utilizados durante a sua execução, conforme o(a) facilitador(a) acredite ser mais apropriado.
- É interessante que haja, sempre que possível, a presença de dois facilitadores(as).
- Lembre-se, mantenha o controle sobre o tempo das atividades.
- Pode e deve-se usar essas técnicas em diversas circunstâncias - na escola, grupos desportivos, clubes juvenis, em centros de jovens em conflito com a lei, grupos comunitários etc. Precisa-se, enfim, de espaço privado, tempo disponível, facilitadores dispostos.
- Os(as) facilitadores(as) devem ser sensíveis e receptivos para com os(as) participantes. O(A) facilitador(a) deve estar alerta para a possibilidade de que os(as) participantes, individualmente, exijam atenção específica e, em alguns casos, recebam serviços profissionais de orientação e de aconselhamento.
- Uma possibilidade recomendável é contar com facilitadores homens e facilitadoras mulheres trabalhando em pares, para mostrar que é possível trabalhar juntos para a construção de igualdade e respeito.
- É essencial que você possa ter tempo suficiente para planejar as atividades e se preparar para ela, acessando os recursos indicados em cada atividade. Mesmo preparado(a), as(os) partici-



pantes podem apresentar perguntas que você não sabe responder. Lembre-se de que é bom dizer a elas(es) que você irá pesquisar a pergunta e voltar a ela na próxima vez que se encontrarem. É melhor esperar para responder uma pergunta corretamente do que fornecer informações imprecisas.

- O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) coloca em prática a Constituição Federal (1988) e reafirma a proteção dessas pessoas que vivem em períodos de intenso desenvolvimento psicológico, físico, moral e social.
- O ECA pode ser acessado por meio do link: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf>> Acesso em 15 de julho de 2020.

5.2 ACORDO DE CONVIVÊNCIA⁴

Sugerimos que no primeiro dia de formação, logo no início das atividades, seja construído de modo coletivo um “Acordo de Convivência”. Recomenda-se que sejam definidas algumas “regras de convivência”, como forma de criar um espaço de colaboração e respeito entre os(as) participantes. Você pode escrever esse quadro de convivência em um cartaz ou lousa e colocá-lo em um local visível na sala. Esse material deve permanecer em um local visível até o fim do processo de formação e pode ser constantemente revisitado.

Uma dica para construir o compromisso é partir de perguntas básicas, como:

- O que faria você se sentir bem-vinda(o) e confortável?
- O que encoraja você a falar no grupo? E o que o(a) desencoraja?
- O que faria com que você deixasse de participar do grupo?

Exemplo de algumas regras básicas que você pode usar:

- Respeito por todos(as) os(as) participantes do grupo;
- O direito a pensar e a sentir livremente, pois todas as opiniões são válidas;

⁴ Seção adaptada a partir do material Programa P

- Ouvir com atenção, evitando interromper e tomar o tempo dos apontamentos das outras pessoas;
- Direito a passar a palavra, ou seja, ninguém é obrigada(o) a participar em dinâmicas ou atividades contra a sua vontade;
- Empatia: ponha-se no lugar da outra pessoa;
- Compromisso com pontualidade e assiduidade;
- Desligar-se do aparelho celular durante as atividades e dinâmicas.

5.3 QUEBRA GELO⁵

DO QUE SE TRATA?

Atividades e jogos dinâmicos e divertidos que “quebram o gelo”. Utilize alguma destas atividades nos primeiros encontros com a turma para facilitar a apresentação e favorecer o entrosamento das(os) participantes. Você também poderá aplicá-las ao longo do programa, quando sentir necessidade de relaxar ou energizar o grupo.

POR QUE É IMPORTANTE?

As atividades de quebra-gelo favorecem a interação e o fortalecimento do vínculo entre as(os) participantes. Elas são ótimas para:

- Criar uma atmosfera positiva na turma;
- Relaxar e desinibir as(os) participantes;
- Romper as barreiras sociais;
- Estimular a participação, a autoconfiança e a confiança no grupo;

⁵ Seção adaptada a partir do material “Uma vitória leva à outra: meninas empoderadas pelo esporte”. Disponível em <<http://www.umavitorialevaaoutra.org.br/curriculo>> Acesso em 22 de junho de 2020.

- Desenvolver o raciocínio lógico;
- Energizar e motivar;
- Se divertir.

AO TÉRMINO DESSA ATIVIDADE AS(OS) PARTICIPANTES DEVERÃO:

- Saber os nomes uns dos outros;
- Desenvolver espírito de equipe;
- Iniciar a construção da identidade do grupo.

EXEMPLO DE ATIVIDADES “QUEBRA GELO”

ATIVIDADE 01

PEDRA, PAPEL E TESOURA DOS BICHOS

TIPO DE ATIVIDADE: JOGO

- Duração: 10 minutos.
- Materiais necessários: Nenhum.
- Observação: Esta atividade poderá ser ministrada por mulheres e homens.

OBJETIVOS

- Desenvolver a habilidade de comunicação através da expressão corporal.
- Fortalecer o trabalho em grupo e estimular o desenvolvimento da liderança.

NOTAS

- É possível que, durante esta atividade, alguns participantes demonstrem habilidade para liderar e organizar o grupo. Identificar as(os) participantes que desempenham o papel de líder, as(os) participantes mais .

INSTRUÇÕES

- Divida o grupo em duas equipes com números iguais ou semelhantes de participantes;
- Cada grupo ficará em um canto da sala;
- Explique que cada grupo deverá escolher um animal entre “elefante”, “tigre” ou

“rato” para toda a equipe representar. Oriente que a equipe deverá escolher o animal sem que o outro grupo perceba ou descubra a escolha;

- Ao final do tempo estipulado para a escolha, peça para que os grupos fiquem dispostos um de frente para o outro;
- Ao sinal do(a) facilitador(a) ou professor(a), os grupos deverão, simultaneamente, representar com o corpo, o movimento e o som do animal escolhido. Os movimentos para cada animal são: elefante - imitar a tromba com os braços e o barulho feito pelo elefante; tigre - fazer o movimento das garras com as mãos e o barulho do tigre; rato - se agachar e encolher, imitando o som do rato;
- Na atividade, o elefante ganha do tigre, o tigre ganha do rato e o rato ganha do elefante.

ATIVIDADE 02

CONECTADAS(OS)

TIPO DE ATIVIDADE: JOGO

- Duração: 10 minutos.
- Materiais necessários: Nenhum.
- Observação: Esta atividade poderá ser ministrada por mulheres e homens.

OBJETIVOS

- Interação entre o grupo.
- Resolução de problemas.
- Comunicação e trabalho em equipe.

NOTAS

Estimular que as(os) participantes elaborem suas próprias estratégias para resolução de problemas é uma ótima forma de desenvolver a autonomia do grupo..

INSTRUÇÕES

- Peça para que as(os) participantes formem um círculo de mãos dadas;
- Dê 15 segundos para que cada um grave qual participante está à sua direita e à sua esquerda;
- Peça para que cada participante solte as mãos uns dos outros e se desloquem livremente pelo espaço;
- Oriente que, quando você falar a palavra “stop”, eles(as) deverão ficar imóveis;
- Assim que as(os) participantes estiverem bem misturadas(os), fale a palavra

“stop”. Comunique que as(os) participantes deverão, sem sair dos seus lugares, dar a mão esquerda para a pessoa que estava à sua esquerda, no início da brincadeira, e a mão direita para a pessoa que estava à sua direita, isso formará um grande “nó” entre as(os) participantes;

- Peça para que as(os) participantes tentem formar novamente o círculo sem que soltem as mãos.

ADAPTAÇÃO PARA NÍVEL MENOS AVANÇADO

- Se as(os) participantes tiverem dificuldades para conseguir dar as mãos, delimite o espaço da brincadeira. Numa área menor, será mais fácil para elas(es) alcançarem suas(seus) parceiras(os).
- Caso alguns/algumas participantes estejam muito distantes uns/umas dos(as) outros(as), permita que se aproximem gradativamente até que seja possível realizar a atividade.

DICA: No momento do planejamento você pode pesquisar na Internet e selecionar a que melhor se adapta ao seu grupo. Também é possível que os(as) participantes conheçam dinâmicas e brincadeiras curtas, você pode perguntar se alguém se voluntaria para puxar uma dinâmica.

5.4 RECAPITULAÇÃO DAS ATIVIDADES DO DIA ANTERIOR

Sugerimos que, ao final de cada dia de trabalho, seja escolhido um grupo de participantes para que no dia seguinte, no começo da formação, realize uma recapitulação das atividades e debates ocorridos na formação do dia anterior.

5.5 DIÁRIO DE BORDO

Sugerimos que ao início de cada dia de formação seja solicitado a um(a) participante que relate em um caderno/diário suas impressões/perspectivas sobre as atividades e os debates ocorridos no decorrer do dia de trabalho. Ao final de cada dia, um(a) outro(a) participante será escolhido(a) para dar continuidade a escrita do diário. Ao final do período de formação será reservado um tempo para o diário ser lido para a turma.

ATIVIDADES



TEMA 1 IDENTIDADES, DIREITOS HUMANOS E MARCOS LEGAIS

RESULTADO DE APRENDIZAGEM:

As(Os) participantes entendem que as crianças estão vulneráveis a violências e violações de direitos não apenas pelo fato de serem crianças, mas também porque possuem múltiplas identidades que podem ser alvo de discriminação, preconceito e opressão.

COMO SE PREPARAR/ESTUDAR PARA ESTA ATIVIDADE:

- Leia o livro **Mulheres Semeando Cidadania**: cadernos de políticas públicas (2008), elaborado pelo Governo do Estado de Pernambuco/Secretaria Especial da Mulher, disponível em: <http://www.mulheressocialistas.org.br/wp-content/uploads/2017/07/b3.pdf>. Acesso em 22 de maio de 2020.
- Leia a **Coleção Caravana de Educação em Direitos Humanos** (2015), publicado pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República - SDH/PR e Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais - Flacso Brasil. Disponível em: <http://flacso.org.br/?publication=colecacao-caravana-de-educacao-em-direitos-humanos-mulher>. Acesso em 22 de maio de 2020.

- Assista aos vídeos:
 - **O que são direitos humanos** – Glenda Mezzaroba, Casa do Saber. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fMBNL4H-FEQQ>. Acesso em 22 de maio de 2020
 - **Direitos humanos** – ONU Mulheres Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hGKAaVoDlSs>. Acesso em 22 de maio de 2020



ATIVIDADE 01

DIREITOS IGUAIS PARA TODAS AS PESSOAS?

ADAPTAÇÃO: Programa M

UM RESUMO DO TEMA A SER ABORDADO:

Os direitos das crianças e adolescentes são direitos humanos! O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) coloca em prática a Constituição Federal (1988) e reafirma a proteção dessas pessoas que vivem em períodos de intenso desenvolvimento psicológico, físico, moral e social. Portanto, crianças nascem com os mesmos direitos inalienáveis de toda pessoa. Contudo, ser criança e adolescente não é a única identidade deles(as). É preciso olhar para as diversas situações de vulnerabilidade de crianças e adolescentes com mais profundidade, encarando o fato de que elas(es) sofrem violações de direitos que têm a ver com discriminações, preconceitos e opressões que estão relacionadas com o fato de serem consideradas “menores” e, ao mesmo tempo, meninas, negras(os), deficientes, indígenas, etc.

PÚBLICO: profissionais e técnicos da gestão e do corpo docente do ensino fundamental e médio.

OBJETIVO DA ATIVIDADE: Nesta atividade trabalharemos o conceito de identida-

des e refletiremos sobre como sexo, faixa etária, raça, etnia, religião ou outro aspecto das identidades de crianças e adolescentes, constituem fatores determinantes para que violações de direitos humanos aconteçam com elas(es).

DURAÇÃO: 1h15min

MATERIAIS: Flipchart, pincéis atômicos de diversas cores e cópias suficientes das Folhas de Apoio 1 e 2 para distribuir para as(os) participantes.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE:

ETAPA 1 COMPREENDENDO O QUE É IDENTIDADE (25 MINUTOS)

- Prepare com antecedência um desenho de uma silhueta simples e genérica de uma criança/adolescente numa folha de flipchart, conforme o desenho do Anexo 1.
- Fixe a folha numa parede, cavalete ou quadro, mostre-a às(aos) participantes e pergunte-lhes o que consideram como sendo aspectos da identidade ou das identidades dessa criança/adolescente? **(5 minutos)**
- 3. Peça às(aos) participantes para sugerirem possíveis identidades para a criança/adolescente que você desenhou e escreva-as no flipchart (dentro, ao redor ou ao lado da silhueta desenhada). **(5 minutos)**
- Distribua para elas(es) a Folha de Apoio 1 e peça que façam uma leitura em grupo. **(5 minutos)**
- Em plenária, mobilize um debate ao redor dessas duas perguntas **(10 minutos)**
 - As características de uma pessoa devem ser determinantes para dizer se ela tem ou não direitos?
 - As identidades de uma criança/adolescente afetam os direitos que elas(es) acessam? Se sim, como e por quê?

ETAPA 2 CONHECENDO OS DIREITOS HUMANOS (45 MINUTOS)

- Pergunte aos(as) participantes o que lhes vêm à cabeça quando escutam falar em “direitos humanos”. Em um flipchart escreva as palavras e frases citadas pelas(os) participantes. **(5 minutos)**
- Distribua cópias da Folha de Apoio 2. Revise as definições de direitos humanos e os exemplos de direitos mencionados pelas(os) participantes no item anterior. **(10 minutos)**
- 3. Divida as(os) participantes em dois ou três grupos. Diga-lhes que terão 10 minutos para pensar e ensaiar a apresentação de uma cena, sobre uma história em que os direitos listados na Folha de Apoio 2 são violados ou não respeitados. Explique que as histórias serão apresentadas para todas(os) as(os) participantes e deverão ter até 2 minutos. **(15 minutos)**
- Após cada apresentação, deverão ser dirigidas a cada grupo, as questões abaixo e os grupos terão um total de 3 minutos para debate. (3 apresentações x 5 min = **15 minutos**)
 - Os direitos de quem foram violados?
 - Quais direitos foram violados?
 - Como esses direitos foram violados?



- Sexo, orientação sexual, faixa etária, raça, etnia, religião ou outro aspecto das identidades foram fatores determinantes nesta história? Como?
- O que a personagem principal desta história ou outra personagem poderia ter feito de forma diferente?
- Este tipo de situação é comum na sua cidade e comunidade, com estudantes das suas escolas?

ETAPA 3 - FECHAMENTO¹: MARCOS LEGAIS (5 MINUTOS)

Todo ser humano – seja rico ou pobre, homem ou mulher, jovem ou velho – tem direitos que incluem: o direito a uma opinião própria, o direito à educação, à saúde, à participação em decisões que afetam suas vidas e a uma vida livre de violência e discriminação. Infelizmente, muitas pessoas em diversos lugares, sobretudo crianças, mulheres, a população negra, povos indígenas, refugiados e LGBTQIA+ não têm seus direitos respeitados, porque ainda persiste uma violência estrutural na nossa sociedade, que dá lugar a preconceitos e discriminações, baseados nas identidades e nas relações de poder. Nas últimas décadas, houve conquistas significativas no que se refere à luta pelos direitos das consideradas minorias sociais, com a adoção de marcos legais específicos para proteger diferentes grupos de pessoas, cujos direitos são vulneráveis de diferentes maneiras. Contudo, direitos são realizados por meio de implementação de políticas públicas e de seu controle social ou acabam ficando no plano do papel e das boas intenções.

¹ Fonte: Programa M Trabalhando com mulheres jovens: empoderamento, cidadania e saúde / Promundo; Salud e Género; ECOS; Instituto PAPAI; World Education – Rio de Janeiro: Promundo, 2008. Disponível em: <https://promundo.org.br/recursos/manual-m/>

Exemplos de tratados/marcos legais específicos para grupos vulneráveis:

- Crianças: Convenção sobre os Direitos da Criança² e Estatuto da Criança e do Adolescente³;
- Mulheres: Convenção sobre a Eliminação da Discriminação Contra as mulheres⁴;
- Povos indígenas: Declaração da ONU sobre os direitos dos povos indígenas⁵;
- Refugiados: a Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951⁶;
- Trabalhadores migrantes: Convenção Internacional sobre a Proteção dos Direitos de Todos os Trabalhadores Migrantes e dos Membros das suas Famílias⁷
- Pessoas com deficiência: Declaração dos Direitos das Pessoas com Deficiências⁸;
- Grupos raciais: Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação racial⁹;
- Lei Maria da Penha¹⁰.

2 https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10120.html

3 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm

4 <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-eliminacao-de-todas-formas-de-discriminacao-contra-mulheres>

5 http://www.funai.gov.br/arquivos/conteudo/cogedi/pdf/LEGISLACAO_INDIGENISTA/Legislacao-Fundamental/ONU-13-09-2007.pdf

6 https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf

7 <http://acnudh.org/wp-content/uploads/2012/08/Conven%C3%A7%C3%A3o-Internacional-para-a-Prote%C3%A7%C3%A3o-dos-Direitos-Humanos-de-todos-os-Trabalhadores-Migrantes-e-Membros-de-suas-Fam%C3%ADlias.pdf>

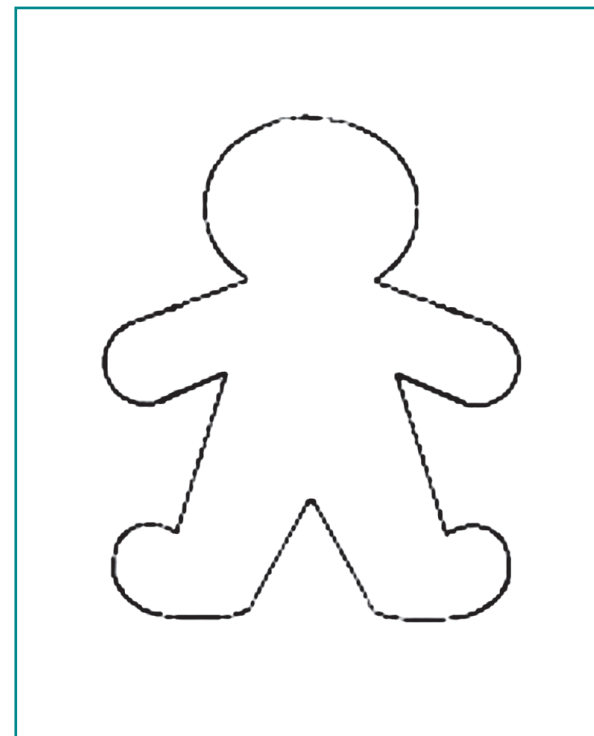
8 http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/dec_def.pdf

9 http://www.unfpa.org.br/Arquivos/declaracao_durban.pdf

10 <https://www.cnj.jus.br/lei-maria-da-penha/>

ANEXOS:

ANEXO 1





ANEXO 2

FOLHA DE APOIO 1 O QUE É IDENTIDADE¹¹

A identidade é a concepção que temos de nós mesmas/os, composta por valores, crenças e metas, com as quais nos comprometemos. Reconhecer quem somos é um processo complexo e mutante, influenciado pelo contexto cultural e social em que vivemos. Mutante, de acordo com a forma e como se vão elaborando os conflitos sociais. Complexo, porque implica reafirmação de quem somos, ao mesmo tempo que negação de quem queremos ser.

Em um nível individual, a identidade pode ser entendida como um processo íntimo e subjetivo onde a pessoa, através de sua própria experiência vivida e em interação com outras pessoas, se concebe e se relaciona consigo mesma e com as(os) outras(os) à sua volta. Não nascemos com uma identidade única e fixa. A construção da identidade não é automática, mas relacional, pois é definida através de um processo de interação e diferenciação em relação ao outro, no qual reafirmamos ou recriamos nossa identidade, a partir da identificação ou percepção de similaridades e diferenças com as(os) outras(os). Ou seja, no contexto das interações os indivíduos podem complementar e repensar o senso que têm de si mesmos, a partir do que percebem da(o) outra(o). Assumimos diversas identidades de acordo com quem interagimos no momento. Por exemplo, somos filhas(os), quando falamos com nossas mães ou pais, professoras(es), médicas(os), advogadas(os), faxineiras(os), babás, se estamos no trabalho, e em outros momentos das nossas vidas, irmãs(ãos), namoradas(os), esposas/maridos, clientes, consumidoras(os), entre outras possibilidades.

Este processo de diferenciação e interação com a(o) outra(o) também tem servido ao longo do tempo para marcar posições de poder. Ao definir quem somos, costumamos nos colocar em uma posição superior ou inferior, em comparação ao outro. Normalmente, o que difere da maioria da população (*ou das pessoas dos grupos que detêm mais poder e status*) é transformado em inferior. Muitas vezes, um único atributo, diferente dos demais, é tomado como definidor de um indivíduo, que deixa de ser visto em sua totalidade, o que serve para alimentar preconceitos que se expressam nas mais variadas formas de discriminação, inclusive violência. Este é o caso de muitos homossexuais, mulheres ou homens, cuja identidade sexual é percebida como definidora da personalidade individual, sem que sejam levadas em conta as diferenças e as histórias de cada



11 Fonte: Programa M Trabalhando com mulheres jovens: empoderamento, cidadania e saúde / Promundo; Salud e Género; ECOS; Instituto PAPAI; World Education – Rio de Janeiro: Promundo, 2008. Disponível em: <https://promundo.org.br/recursos/manual-m/>



pessoa. De modo semelhante se operam as discriminações, opressões e violências contra pessoas afrodescendentes, com deficiência, gordas, etc.

De um ponto de vista coletivo, a identidade permite a autoafirmação de determinados grupos, por exemplo, o movimento de mulheres, e pode ser eficaz como força política e formação de *coletivos* e movimentos sociais, unindo pessoas em torno de um objetivo em comum, reafirmando a dignidade de um determinado grupo e criando sentimentos de pertencimento e acolhimento. *No trabalho coletivo e por meio do apoio mútuo, as pessoas reconhecem o poder que possuem, valorizam suas características e realizam suas aspirações. Isso contribui para a autonomia e empoderamento de grupos das chamadas “minorias sociais”.*

*As partes adicionadas para durante a elaboração do guia em tela estão em itálico.

ANEXO 3

FOLHA DE APOIO 2 O QUE SÃO DIREITOS HUMANOS¹²

Direitos Humanos são direitos básicos que pertencem a todas as pessoas. Em 1948, a Declaração Universal dos Direitos do Homem, base para a proteção e defesa de todo mundo, foi aprovada por todos os países que compõem a Organização das Nações Unidas – ONU. A ONU foi criada em 1945 com a intenção de preservar a paz mundial. Hoje, todos os países do mundo estão associados a ela. Quando um país vira membro da ONU, ele aceita as obrigações de um documento, criado por esta organização, que determina os princípios das relações internacionais entre nações.

ANEXO 4

PARTES DA DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS

ARTIGO 1 - Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade.

ARTIGO 2 - Toda pessoa tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades

12 Fonte: Programa M Trabalhando com mulheres jovens: empoderamento, cidadania e saúde / Promundo; Salud e Género; ECOS; Instituto PAPAI; World Education – Rio de Janeiro: Promundo, 2008. Disponível em: <https://promundo.org.br/recursos/manual-m/>

estabelecidas nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição. Não será tampouco feita qualquer distinção fundada na condição política, jurídica ou internacional do país ou território a que pertença uma pessoa, quer se trate de um território independente, sob tutela, sem governo próprio, quer sujeito a qualquer outra limitação de soberania.

ARTIGO 5 - Ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.

ARTIGO 10 - Toda pessoa tem direito, em plena igualdade, a uma audiência justa e pública por parte de um tribunal independente e imparcial, para decidir seus direitos e deveres ou o fundamento de qualquer acusação criminal contra ele.

ARTIGO 16 - Os homens e mulheres maiores de idade, sem qualquer restrição de raça, nacionalidade ou religião, têm o direito de contrair matrimônio e fundar uma família. Gozam de iguais direitos em relação ao casamento, sua duração e sua dissolução.

1. O casamento não será válido senão com o livre e pleno consentimento dos nubentes.

2. A família é o núcleo natural e fundamental da sociedade e tem direito à proteção da sociedade e do Estado.

ARTIGO 23

1. Toda pessoa tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego.

2. Toda pessoa, sem qualquer distinção, tem direito a igual remuneração por igual trabalho.

3. Toda pessoa que trabalha tem direito a uma remuneração justa e satisfatória, que lhe assegure, assim como à sua família, uma existência compatível com a dignidade humana, e a que se acrescentarão, se necessário, outros meios de proteção social.

4. Toda pessoa tem direito a organizar sindicatos e a neles ingressar para a proteção de seus interesses.

ARTIGO 24 - Toda pessoa tem direito a repouso e lazer, inclusive a limitação razoável das horas de trabalho e a férias periódicas remuneradas.

ARTIGO 25

1. Toda pessoa tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família, saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle.

2. A maternidade e a infância são momentos em que as pessoas têm direito a cuidados e assistência especiais. Todas as crianças, nascidas dentro ou fora de matrimônio, gozarão da mesma proteção social.

TEMA 2 CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS, PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO CONTRA MINORIAS

RESULTADO DE APRENDIZAGEM:

As(Os) participantes entendem que as situações de Preconceitos, Violências e Discriminações, especialmente contra as crianças e adolescentes, estão diretamente ligadas às construções de estereótipos. A importância de estabelecer leituras interseccionais contribui para a redução e/ou desconstrução de tais situações.

COMO SE PREPARAR PARA ESTUDAR PARA ESTA ATIVIDADE

Leia o livro – Interseccionalidade (2019) Autora: Carla Akotirene – Editora Pólen Livros.

Leia o artigo “O que é interseccionalidade” Disponível em < <https://www.geledes.org.br/tag/interseccionalidade/>>

- Assista aos vídeos:
 - **Saiba o que é interseccionalidade** – Ana Paula Xongani, To de Caço. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4ZT3rQpv-vSY> Acesso em 03 de junho de 2020.
 - **The danger of a single story (O perigo da história única)** – Chimamanda Ngozi Adichie, Ted. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg> Acesso em 03 de junho de 2020.

ATIVIDADE 02

DE ONDE VEM O PRECONCEITO?

ADAPTAÇÃO: Programa M

UM RESUMO DO TEMA A SER ABORDADO:

Nesta atividade vamos entender que as pessoas geralmente são “lidas” e “avaliadas” socialmente a partir de estereótipos, que são generalizações abusivas que distorcem a realidade e acabam criando representações sobre determinados grupos sociais ao colocá-los dentro de “caixinhas de comportamento”. A produção e a reprodução de estereótipos fundamentam preconceitos e discriminações. É importante compreender que essas situações são resultantes do tipo de educação que recebemos e transmitimos na família, na escola e nos meios de comunicação, e que é preciso um intenso trabalho de desmontagem de clichês, para erradicar o preconceito e eliminar a injustiça que cerca atitudes baseadas em concepções estereotipadas. Ao mesmo tempo, é importante entendermos que as pessoas possuem múltiplas identidades e que a sobreposição dessas identidades é chamada de *interseccionalidade*. Esse conceito ajuda a compreender como marcadores sociais da identidade dos indivíduos se inter cruzam e, em determinadas situações e contextos, constituem as raízes das vulnerabilidades dos sujeitos sociais. Um exemplo disso é a inseparabilidade estrutural, enraizada na nossa sociedade, das relações de raça/etnia, de classe social e do machismo e as

articulações decorrentes disso, que histórica e socialmente reproduzidas, colocam as meninas, as mulheres negras e outras minorias sociais mais expostas e vulneráveis aos trânsitos destas estruturas (Akotirene, 2018)¹³.

PÚBLICO: profissionais e técnicos da gestão e do corpo docente do ensino fundamental e médio.

OBJETIVO DA ATIVIDADE: Favorecer a discussão sobre estereótipos existentes em torno de raças, etnias, sexos, classes sociais e outras desigualdades e como eles fundamentam a discriminação, a opressão e as violências, tornando algumas crianças, adolescentes e pessoas mais vulneráveis às violências e violações de direitos.

DURAÇÃO: 70 minutos.

MATERIAIS: Folha de Apoio 1; canetas, saco (de tecido ou plástico) ou caixa.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE:

ETAPA 1 COMPREENDENDO A ATIVIDADE - 20 MINUTOS

- Explique que, inicialmente, a ideia desta atividade é fazer um levantamento de palavras e frases que escutamos sobre determinados grupos sociais. Previamente você deve separar em tiras cada uma das 10 frases da Folha de Apoio 1 e colocá-las numa caixa ou saco.
- Peça que as(os) participantes se reúnam em cinco grupos e solicite que cada grupo retire de dentro da caixa ou saco duas tiras.
- Explique que cada uma das tiras começa com a frase “Dizem por aí que...” e que a proposta é que cada grupo complemente esta frase com o que se diz no senso comum, ou seja, escrevam aquilo que as pessoas, em geral, costumam dizer sobre esse grupo (e não o que os(as) participantes pensam). Cada frase poderá ter várias respostas.

13 Akotirene, Carla. O que é interseccionalidade?. Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2018.

- Informe que terão 10 minutos para completar as frases.
- Quando terminar o tempo, peça que cada grupo apresente suas frases e, depois, abra para o debate a partir das perguntas abaixo:

ETAPA 2 PERGUNTAS PARA A DISCUSSÃO - 45 MINUTOS

- Quais dessas frases são verdadeiras e quais são preconceitos?
- O que é estereótipo? Como são criados e reproduzidos os estereótipos?
- Em relação a qual(is) grupo(s) as frases foram mais “pesadas”?
- Em relação a qual(is) grupo(s) as frases foram mais “brandas”?
- Quais tipos de preconceitos pessoas negras costumam enfrentar?
- Quais tipos de preconceitos as mulheres costumam enfrentar?
- Quais tipos de preconceitos as pessoas mais pobres costumam enfrentar?
- Homens e mulheres sofrem os mesmos preconceitos? Se não, por quê?
- Mulheres brancas e mulheres negras sofrem os mesmos preconceitos?
- Homens brancos e homens negros sofrem os mesmos preconceitos?
- Quais tipos de preconceitos uma pessoa heterossexual, bissexual ou homossexual costuma enfrentar?
- Podem citar exemplos de crianças e adolescentes que não preenchem as expectativas de como uma menina ou menino deveria agir ou como deveria ser sua aparência? Que violações e violências essas crianças sofrem?
- Podem citar exemplos de meninas e meninos que enfrentam vários tipos de preconceitos, violências e discriminações ao mesmo tempo por terem múltiplas identidades consideradas de “minorias sociais”?

IMPORTANTE: Avalie as respostas percebendo as frases que são completadas com situações de preconceito e discriminações para problematização, e estimule a discussão baseada nos conceitos presentes nos anexos desta atividade.

Por isso, é imprescindível que as(os) facilitadoras(es) leiam os anexos.

ETAPA 3 FECHAMENTO - 5 MINUTOS

Erroneamente a nossa sociedade tende a transformar as diferenças em desigualdades. Não percebe que a diversidade de indivíduos, cultura, comportamentos e ideias apontam para a riqueza das diferenças. A heterogeneidade nos torna pessoas únicas.

A forma que a sociedade percebe a diversidade de indivíduos, define o acolhimento e o respeito à outra e ao outro tal como são.

ANEXOS:

ANEXO 1

FOLHA DE APOIO 1

- Dizem por aí que homens negros...
- Dizem por aí que mulheres negras...
- Dizem por aí que todas as mulheres...
- Dizem por aí que homem que é homem...
- Dizem por aí que as pessoas pobres...
- Dizem por aí que crianças...
- Dizem por aí que adolescentes...
- Dizem por aí que gays, lésbicas e bissexuais...
- Dizem por aí que nordestinos e nortistas...

ANEXO 2

FOLHA DE APOIO 2

ENTENDENDO O QUE SÃO ESTEREÓTIPOS¹⁴:

O estereótipo é uma generalização abusiva que distorce a realidade. Um exemplo de estereótipo é representar as mulheres sempre como esposas e mães desconsiderando as mulheres que trabalham fora, as que não são casadas e as que têm vida social fora do lar. Representar os homens sempre como chefes de família, incapazes de afeto ou sentimentos (homem não chora!), incapazes de cuidar dos filhos, etc, é outro exemplo. É um pensamento (duplamente) estereotipado, representar homens negros como choferes, mordomos ou aqueles que lidam com profissões menos valorizadas: encanador, garagista, porteiro, etc. Da mesma forma, mulheres negras são representadas como empregadas domésticas, cozinheiras, dançarinas altamente erotizadas, etc. Também pessoas pobres são vistas como perigosas, causadoras de violência, responsáveis pela promiscuidade, comprometidas com uma vida sexual desregrada, etc.

Mulheres homossexuais são vistas como másculas, indelicadas, sofredoras, problemáticas. Homens homossexuais são vistos como afeminados, delicados, sensíveis, responsáveis pela disseminação da Aids, “sem vergonha”, doentes.

Os estereótipos de gênero apresentam as diferenças de comportamento entre homens e mulheres como se fossem qualidades ou fraquezas inerentes, coisas de natureza, de natureza, e que não se podem mudar. É importante compreender que essas situações são resultantes do tipo de educação que recebemos e transmitimos na família, nas escolas, nos meios de comunicação, é preciso um trabalho de desmontagem desses clichês, para erradicar o preconceito de gênero e eliminar a injustiça que cerca atitudes baseadas em concepções estereotipadas/

14 Texto reproduzido da atividade 7 do Programa M Trabalhando com mulheres jovens: empoderamento, cidadania e saúde / Promundo; Salud e Género; ECOS; Instituto PAPA; World Education – Rio de Janeiro: Promundo, 2008. Disponível em: <https://promundo.org.br/recursos/manual-m/>

ANEXO 3

FOLHA DE APOIO 3

ENTENDENDO A DIVERSIDADE¹⁵:

A definição de diversidade pode ser entendida como o conjunto de diferenças e valores compartilhados pelos seres humanos na vida social. Este conceito está intimamente ligado aos conceitos de pluralidade, multiplicidade, diferentes modos de percepção e abordagem, heterogeneidade e variedade.

A diversidade entendida como uma extensão da individualidade que tem sua representação no modelo social de rede, apresenta-se na concepção da complexidade como o formato fundamental da sociedade. Nesta perspectiva as diferenças apresentam-se como uma experiência natural da vida em sociedade.

Contudo a tendência a tomar a diferença como uma inadequação dos valores estabelecidos por um grupo social ou cultura, tendem a gerar uma série de comportamentos que são prejudiciais no desenvolvimento e relacionamento entre os indivíduos: **o preconceito, a discriminação e a intolerância**. Estes comportamentos ainda são encontrados continuamente na sociedade como um reflexo mais profundo **da violência e da exclusão social**.

Pensar a diversidade é um processo importante para a construção da identidade, isto significa que ela tem um papel crucial na criação de valores e atitudes, que permitam uma melhor convivência e respeito entre todos os setores para o pleno desenvolvimento da humanidade.

15 Texto produzido pelo site <https://www.infojovem.org.br/infopedia/descubra-e-aprenda/diversidade/>

FOLHA DE APOIO 4

DISCRIMINAÇÃO RACIAL:

Durante muito tempo nossa sociedade evitou a discussão sobre racismo e sobre a violência do processo de escravização de pessoas negras no nosso continente. Também construiu uma história e uma visão sobre a população negra no Brasil, totalmente baseada na escravização. Durante muito tempo e, com muitos resquícios ainda hoje, vivíamos o mito de uma democracia racial no Brasil. Quantas vezes aprendemos nos livros didáticos que em nossa sociedade, brancos, afrodescendentes e indígenas viviam em harmonia e que juntos ajudaram a construir nossas riquezas culturais?

Ainda hoje, muitas vezes o continente africano é apresentado como sendo um lugar “exótico”, cheio de animais selvagens, com pessoas vivendo em total miséria ou com doenças graves. A partir de 2003, com o estabelecimento da Lei 10.639, o ensino de história e cultura africanas e afro-brasileiras passou a ser obrigatório em todas as escolas do ensino fundamental e do ensino médio. É importante discutir com as(os) participantes os estereótipos sobre raça que existem em nossa sociedade. Segundo estimativas do IBGE para 2010, o Brasil tem aproximadamente 100 milhões de habitantes negros (soma de negros e pardos declarados), que equivalem a 51% da população total do país. Se toda esta população formasse um país, ele ocuparia a décima segunda posição entre os países mais populosos do mundo.

Sugere-se como leitura complementar o seguinte artigo do Portal Geledés:

<https://www.geledes.org.br/desigualdade-como-legado-da-escravidao-brasil/>

FOLHA DE APOIO 5¹⁶**DIVERSIDADE SEXUAL**

Todo ser humano tem o direito de experimentar o prazer de diversas formas, desde que haja consento de todas as partes envolvidas. Desta maneira, o respeito à diversidade sexual é fundamental para garantir o direito ao prazer sexual. No Brasil e em outros países da América Latina, as relações homoeróticas masculinas e femininas estão sendo cada vez mais respeitadas, fruto de transformações sociais e culturais que contribuíram para a formação dos direitos sexuais, dos direitos reprodutivos e dos direitos humanos. No entanto, ainda são necessários muitos avanços. Em muitas famílias, escolas, locais de trabalho e de lazer, LGBTQIA+¹⁷, sofrem preconceitos e são temidos. Estas respostas vêm, em geral, da falta de conhecimento e da negação do assunto. Debates sobre o tema são importantes, em busca de uma sociedade mais plural e solidária.

NOTA: consento, consentimento é um tema que trabalharemos quando falarmos de violência contra crianças. A idade de consentimento sexual no Brasil é 14 anos. Antes disso, qualquer relação sexual entre uma pessoa de 14 anos ou mais e uma pessoa de até 13 anos é considerado estupro de vulnerável.

- 16 Trecho retirado do Programa M Trabalhando com mulheres jovens: empoderamento, cidadania e saúde / Promundo; Salud e Género; ECOS; Instituto PAPAI; World Education – Rio de Janeiro: Promundo, 2008. Disponível em: <https://promundo.org.br/recursos/manual-m/>
- 17 A sigla LGBTQIA+ significa: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Travestis, Queer, Intersexo, Assexuado e outras identidades sexuais.

TEMA 3 CORPO, SEXUALIDADE, DIREITOS SEXUAIS E DIREITOS REPRODUTIVOS, GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

RESULTADO DE APRENDIZAGEM:

As(Os) participantes entendem que o ser humano pode e deve ter uma visão positiva da sexualidade (seja em relação à sua própria sexualidade ou a das outras pessoas) e que as crianças e jovens querem, precisam e têm o direito à informação sobre seu corpo e sua saúde, respeitando uma linguagem adequada a seu nível de desenvolvimento. E isso ajuda a prevenir e reduzir gravidezes na adolescência e abuso sexual.

COMO SE PREPARAR/ESTUDAR PARA ESTA ATIVIDADE:

- Leia a publicação “Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. 2018. Disponível em: http://bvs.ms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/proteger_cuidar_adolescentes_atencao_basica_2ed.pdf Acesso em julho de 2020.
- Leia a publicação “Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais”. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. 2009. Disponível em: < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4346133/mod_resource/content/1/direitos_sexuais_reprodutivos_metodos_anticoncepcionais.pdf> Acesso em julho de 2020.



ATIVIDADE 03

O MEU CORPO É MEU E MEUS DIREITOS SOBRE ELE NINGUÉM TIRA!

ADAPTAÇÃO: Programa M

UM RESUMO DO TEMA A SER ABORDADO:

Parte importante da vida de um ser humano poderá ser a sua sexualidade. Embora cada pessoa tenha uma opinião sobre o assunto, é necessário abordá-lo sob uma **perspectiva de direitos, que está em vários marcos legais**. A construção da sexualidade de cada indivíduo sofre influências dos valores e das regras de uma determinada cultura e do tempo em que ele vive, dos espaços que frequenta e dos estímulos que recebe desde a infância. Ideias, imagens e expectativas sobre como os seres humanos devem viver a sua sexualidade vêm de todas as partes (da mídia, da família, dos filmes, dos livros, da religião, etc) **e muitas vezes elas não têm relação direta com o ato sexual em si**, mas influenciam no **desenvolvimento de habilidades e comportamentos**, que afetarão a forma como esses indivíduos viverão a sua sexualidade e como direcionarão seu olhar para a sexualidade dos(as) outros(as) (esse(a) outro(a) pode ser uma mulher, uma pessoa jovem, uma pessoa idosa, uma pessoa homossexual, por exemplo). Portanto, falar de sexualidade é mais do que falar de sexo. Ela também vem na forma de afeto, de gestos, de olhares e de sentimentos. As crianças e jovens desde cedo precisam aprender sobre autoconhecimento (também para se autoprotegerem), tolerância, aceitação, solidariedade e respeito para gerar as bases de uma sexualidade positiva. Exercer a sexualidade de forma positiva é usar uma comunicação assertiva nas relações interpessoais (não ser passivo e nem agressivo com o(a) outro(a)), desenvolver o espírito crítico, refletir a cada tomada de decisão relativa à sua vida sexual e reprodutiva, garantindo assim o seu bem-estar. A gravidez na adolescência é fruto de múltiplas causas, mas pode ser prevenida com informação e construção de uma sexualidade positiva, e com o acesso a métodos contraceptivos, tudo

dentro de um ambiente propício onde as meninas não sejam violentadas e não tenham direitos violados.

PÚBLICO: profissionais e técnicos da gestão e do corpo docente do ensino fundamental e médio.

OBJETIVO DA ATIVIDADE: Construir com os(as) participantes o entendimento de que a sexualidade é construída e amadurecida junto com o desenvolvimento do ser humano (desde o seu nascimento); que cada pessoa experimenta a sexualidade de uma forma particular; que os direitos sexuais e os direitos reprodutivos protegem as pessoas, de modo que cada uma possa viver sua sexualidade e a experiência da reprodução, de forma saudável e a partir de suas próprias decisões; a prevenção e redução da gravidez na adolescência depende de múltiplos fatores de proteção das(os) adolescentes.

DURAÇÃO: 80 minutos.

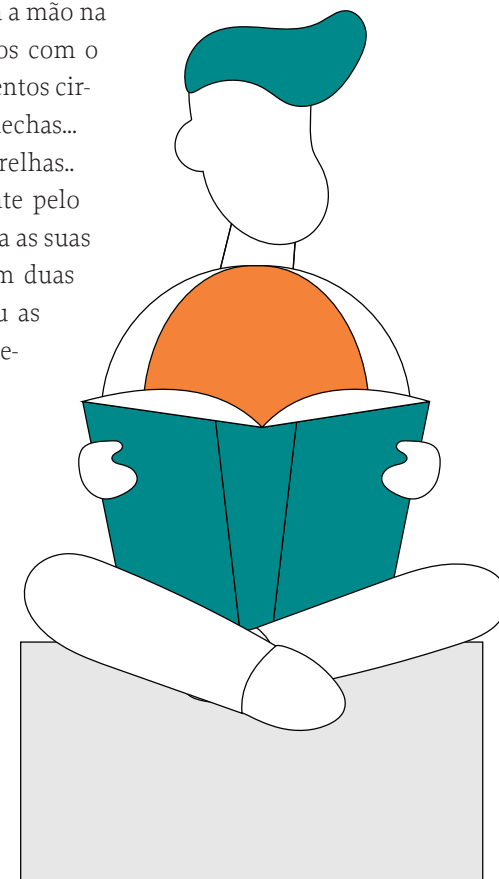
MATERIAIS: caixa de som, celular/tablet ou laptop com acesso à Internet são opcionais. Impressão das Folhas de Apoio 1 e 2.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE:

ETAPA 1 SENTIMENTOS E SENSações (30 MINUTOS)

- Peça às(aos) participantes que sentem em círculo no chão (de preferência, cubra-o com tapetes, cobertores ou colchonetes) ou peça que sentem com as costas eretas na cadeira, seus dois pés devem tocar o chão e suas mãos devem ficar próximas às coxas, uma sobre a outra, numa posição de meditação.
- Diga a elas(es) que vocês começarão esta atividade fazendo um exercício de atenção plena que durará cerca de 5 minutos. Caso você não saiba conduzir um exercício de atenção plena, pergunte se algum(a) participante sabe fazê-lo ou use um canal de vídeo, música ou aplicativo. Abaixo segue a dica de um vídeo que se mostra adequado ao propósito:
 - Meditação Guiada de 2 minutos. Sucesso e Prosperidade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8j1mqSOLOxY>

- Explique que esse exercício de atenção plena terá 2 partes e todo o grupo deve ficar com os olhos fechados e não abrir até o seu comando.
- **PARTE 1:** Peça às(aos) participantes que fechem seus olhos e respirem suave e profundamente até se sentirem relaxadas. Comece com o exercício de atenção plena. Quando o vídeo acabar, ou quando der 2 minutos de relaxamento passe para a parte 2.
- **PARTE 2:** Diga com uma voz lenta, suave e pausada: “agora que estão relaxados(as), vocês irão tentar perceber as sensações surgidas ao tocarem diferentes partes de seu corpo. É importante que mantenham os olhos fechados e que façam somente o que se sentirem confortáveis para fazer. Agora eu quero que percebam as sensações que o seu toque provoca, quando suavemente você toca a sua cabeça com a ponta dos dedos... quando você passa a mão na sua testa... quando circula seus olhos com o dedo indicador... quando faz movimentos circulares com os dedos nas suas bochechas... quando puxa suavemente as suas orelhas.. quando passa seus dedos suavemente pelo pescoço... no antebraço... quando toca as suas mãos uma na outra como se fossem duas plumas... quando usam as unhas ou as pontas dos dedos para arranhar suavemente as suas coxas...
- Permaneça em silêncio por alguns segundos.
- Peça que o grupo lentamente abra os olhos, respirando profundamente. Talvez seja importante que se levantem por um momento depois que abrirem os olhos.



PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

- Como vocês se sentem agora?
- Que tipo de sentimentos e sensações esse exercício trouxe?
- Vocês acham que “sexualidade” tem a ver com esse exercício?
- Como vocês acham que a sexualidade se forma?
- Sexualidade e Reprodução são a mesma coisa? Como as duas se convergem e como podem ser entendidas separadamente?

ETAPA 2 DIREITOS SEXUAIS E DIREITOS REPRODUTIVOS (20 MINUTOS)

- Divida os(as) participantes em grupos menores e peça que juntos(as) leiam os 2 cards da Folha de Apoio 1 (3 minutos).
- Em plenária, peça que classifiquem os cards em Direitos Sexuais ou Direitos Reprodutivos.

PERGUNTAS:

- Foi difícil classificar os cards? Por quê?
- Vocês sabem em qual legislação ou tratado estão esses direitos?¹⁸
- Conseguem citar alguns exemplos de como os direitos sexuais e os direitos reprodutivos das meninas e dos meninos adolescentes são violados? Por que isso acontece?
- Como as pessoas que se relacionam intimamente podem respeitar os direitos sexuais e os direitos reprodutivos umas das outras?

18 Nesse site você encontra uma lista de vários tratados internacionais que apoiaram a definição desses direitos <http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/direitos-sexuais-e-reprodutivos>. O Brasil é signatário de inúmeros deles e em várias publicações do Ministério da Saúde e nas suas políticas os termos são considerados.

ETAPA 3 GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA (25 MINUTOS)

- Peça ajuda de 6 voluntários(as). Distribua 1 card da Folha de Apoio 2 para cada um(a) deles(as).
- Peça que um(a) de cada vez leia seu card em voz alta.

PERGUNTAS:

- Vocês acham que essas situações poderiam ser reais?
- Onde adolescentes podem acessar informações precisas e de qualidade sobre sua saúde, seus corpos, seus sistemas reprodutores?
- É importante que eles(as) tenham acesso a essas informações? Por quê?
- Quais são as causas da gravidez na adolescência?
- Nos casos que vocês leram, onde estão ou podem estar as falhas de acesso a direitos sexuais e direitos reprodutivos enfrentadas pelas personagens?
- Que medidas vocês conhecem para reduzir ou prevenir a gravidez? - observe que aqui a pergunta é sobre “medidas” e não sobre “métodos”, ou seja, tem a ver com ações na escola, políticas públicas, etc.

ETAPA 4 FECHAMENTO (5 MINUTOS)

A sexualidade faz parte da nossa vida enquanto ser humano. Na adolescência, o corpo começa a se desenvolver sexualmente e é natural que meninos e meninas tenham curiosidades sobre seus corpos, sexo e relacionamento, ao mesmo tempo em que desenvolvem sentimentos e experimentam sensações prazerosas. Quando as informações não estão ao seu alcance de modo adequado à sua idade, meninos e meninas aprendem sobre sexo e sexualidade em fontes que podem não os trazer informações precisas e necessárias. Isso pode levar a uma gravidez não intencional, à vulnerabilidade à Infecções Sexualmente Transmissíveis, ao HIV e a serem vítimas de abuso sexual.



ANEXOS

ANEXO 1¹⁹

CARD 1

Direito das pessoas de decidirem, de forma livre e responsável, se querem ou não ter filhos, quantos filhos desejam ter e em que momento de suas vidas.

Direito a informações, meios, métodos e técnicas para ter ou não ter filhos.

Direito de exercer a sexualidade e a reprodução livre de discriminação, imposição e violência.

CARD 2

Direito de viver e expressar livremente a sexualidade sem violência, discriminações e imposições e com respeito pleno pelo corpo do(a) parceiro(a).

Direito de escolher o(a) parceiro(a) sexual.

Direito de viver plenamente a sexualidade sem medo, vergonha, culpa e falsas crenças.

Direito de viver a sexualidade independentemente de estado civil, idade ou condição física.

Direito de escolher se quer ou não quer ter relação sexual.

Direito de expressar livremente sua orientação sexual: heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, entre outras.

Direito de ter relação sexual independente da reprodução.

Direito ao sexo seguro para prevenção da gravidez não planejada e de IST/HIV/AIDS.

Direito a serviços de saúde que garantam privacidade, sigilo e atendimento de qualidade e sem discriminação.

Direito à informação e à educação sexual e reprodutiva.

19 Textos extraídos da publicação “Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais”, citada na indicação de leitura



CARD 1

Joana foi abusada sexualmente pelo tio desde seus 3 anos de idade. Quando era mais nova ela nem sabia direito o que aquilo significava e foi se tornando uma rotina. Quando ela se deu conta de que não gostava daquilo e tentou pará-lo, ele a ameaçou. Aos 12 anos Joana engravidou do seu tio.

CARD 2

Luiza tem 14 anos e namora Rafael de 17. Ele é o primeiro namorado de Luiza e ela está muito apaixonada! Ela sonha que esse relacionamento vai durar muitos anos, que os dois irão se casar em uma igreja, terão 3 filhos juntos e serão felizes para sempre. Por outro lado, Rafael já teve uma namorada com quem transou antes. Embora ele esteja a fim da Luiza, seu sentimento não é tão forte, mas ele até diz que a ama e que ela é a menina mais linda que ele já viu. Mas quer saber a verdade? Rafael acha a Luiza uma tremenda gostosa e está louco para transar com ela. Certa vez, ele disse que ela deveria transar com ele como prova de amor. Ela provou. Outra vez, ele disse que eles deveriam transar sem camisinha, já que a coisa estava séria entre eles. Ela ficou com medo, mas ele insistiu, dizendo que se ela não queria transar sem camisinha era porque estava sendo infiel e que com a outra namorada ele “tirava na hora” e ela nunca engravidou. Luiza cedeu e... agora está grávida.

CARD 3

Julia e Arthur estavam em uma festa, acabaram ficando e no final rolou uma oportunidade de transar. Usaram camisinha, mas ela estourou. Julia engravidou.

CARD 4

Amanda toma anticoncepcional injetável e há 3 anos namora Roberto. Um dia ela descobriu que estava grávida.

CARD 5

Jenifer estava ficando com Leo na casa dele e de repente começaram a seguir seus sentimentos e desejos. Eles acabaram perdendo suas virgindades e como não haviam planejado nada, não usaram preservativo. Na verdade, ele e ela nem sabem como se coloca uma camisinha. Até sabem o que é camisinha, mas nunca foram ensinados sobre como se coloca um preservativo. Agora Jenifer está grávida.

CARD 6

Lucas e Diana queriam começar sua vida sexual e, por isso, foram à Unidade Básica de Saúde (UBS) para uma consulta. A enfermeira disse que eles poderiam participar de uma oficina sobre métodos contraceptivos e que outros(as) jovens também estariam lá. Após a oficina, Diana conversou com a médica da UBS e consideraram que para ela o método mais apropriado seria a dupla proteção: usar contraceptivo oral e preservativo ao mesmo tempo. Diana e Lucas começaram sua vida sexual mesmo tendo o desafio de esconder da mãe da Diana que ela toma anticoncepcional.

CARD 7

Lucas e Diana queriam começar sua vida sexual e, por isso, foram à Unidade Básica de Saúde (UBS) para uma consulta. A enfermeira disse que eles poderiam participar de uma oficina sobre métodos contraceptivos e que outros(as) jovens também estariam lá. Após a oficina, Diana conversou com a médica da UBS e consideraram que para ela o método mais apropriado seria a dupla proteção: usar contraceptivo oral e preservativo ao mesmo tempo. Diana e Lucas começaram sua vida sexual mesmo tendo o desafio de esconder da mãe da Diana que ela toma anticoncepcional.

ANEXO 2

CAUSAS DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA:

- Violência sexual (incestuosa, por conhecidos ou por estranhos à família);
- Exploração Sexual;
- União ou casamento infantil;
- Relação sexual consensual em que a menina e o menino não sabiam das consequências;
- Relação sexual consensual em que a menina e o menino sabiam das consequências, mas não puderam impedi-las;
- Práticas e costumes que facilitam, promovem ou naturalizam a falta de responsabilidade dos homens na prevenção de gravidezes não intencionais;

- Violência e desigualdade de poder nos relacionamentos;
- Concepção idealizada da maternidade como um mecanismo de reconhecimento, autonomia e seu aspecto adaptativo.

ABUSO SEXUAL:

Todo e qualquer ato ou jogo sexual, em uma relação heterossexual ou homossexual, com o intuito de estimular sexualmente ou utilizar a criança ou adolescente para obtenção de prazer, com ou sem sua permissão. O autor da violência está em fase de desenvolvimento psicológico e sexual mais adiantado que a vítima e pode ou não recorrer ao uso da força, ameaça, sedução ou aliciamento com presentes para alcançar seu objetivo. Geralmente, o abuso sexual é praticado por uma pessoa com quem a criança ou adolescente possui uma relação de confiança, dependência ou afeto e/ou com quem convive (familiares, vizinhos/as, professoras/es, amigas/os da família, etc). Em todas essas formas de abuso, há uma desigualdade de poder entre a criança/adolescente e o autor da violência, seja pela posição que ocupa em relação à criança, seja pela idade, seja por gênero etc. O abuso sexual acontece em todas as idades.

ESTUPRO DE VULNERÁVEL:

No Brasil é considerado crime ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com menor de 14 (catorze) anos:

Mais informações sobre a Lei 13.811/19 pode ser encontrada em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112015.htm#:~:text=%E2%80%9CEstupro%20de%20vulner%C3%A1vel,a%2015%20\(quinze\)%20anos.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112015.htm#:~:text=%E2%80%9CEstupro%20de%20vulner%C3%A1vel,a%2015%20(quinze)%20anos.)

TEMA 4 CONHECENDO PARA PREVENIR

RESULTADO DE APRENDIZAGEM:

Aos participantes ampliam aprendizado sobre a temática de HIV, AIDS e ISTs, bem como reduzem (pre)conceitos relacionados a esses temas. Também compreendem que adolescentes têm direito a acessar testes, exames e tratamentos relacionados às ISTs e HIV.

COMO SE PREPARAR/ESTUDAR PARA ESTA ATIVIDADE

- Leia o Boletim – Boletim Epidemiológico HIV AIDS 2019 – Secretaria de Vigilância em Saúde – Ministério da Saúde. Disponível em <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2019/boletim-epidemiologico-de-hiv-aids-2019> Acesso em julho de 2020.
- Leia a cartilha – Vivendo Positivamente – Saúde e qualidade de vida (USP). Disponível em <http://gruposdepesquisa.eerp.usp.br/sites/cartilha/cartilha-6/> Acesso em julho de 2020.
- Conheça mais sobre Prevenção Combinada do HIV. Disponível em https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2018/11/preven%C3%A7%C3%A3o_combinada.pdf
- <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/previna-se> Acesso em julho de 2020.
- Leia a informação - o que são IST - Ministério da Saúde. Disponível em <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-sao-ist/sintomas-das-ist> Acesso em julho de 2020.

- Assista aos vídeos:
 - Vamos falar sobre IST com Dr. Esper Kallás - Dr. Drauzio Varella. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=b8K2yNXKQqc&feature=youtu.be> Acesso em julho de 2020.
 - Ser jovem hoje: educação em sexualidade - UNESCO. <https://www.youtube.com/watch?v=qtKfDolDfPs> Acesso em julho de 2020.
 - Projeto: Um Click Para a Saúde - Adolescentes e Jovens! - Projeto Bem-Me-Quer. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2lrl-Q35Yg3c> Acesso em julho de 2020.
 - Papo Saúde - Mandala da Prevenção. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rNVa8P5GIXE> Acesso em julho de 2020.
 - Prevenção Combinada - Ministério da Saúde. <https://www.youtube.com/watch?v=6iZlRaYKjqo> Acesso em julho de 2020.



ATIVIDADE 04

A HISTÓRIA DE RODRIGO

ADAPTAÇÃO: Programa H

UM RESUMO DO TEMA A SER ABORDADO:

Esta atividade é uma introdução ao tema da prevenção e assistência em HIV, AIDS e ISTs. Ela apoia a desmistificação sobre as formas de transmissão do HIV e a compreensão sobre os métodos mais atuais de prevenção (o método de Prevenção Combinada, adotado pelo Ministério da Saúde). O Tabu em torno do tema e seu histórico de surgimento faz com que adolescentes e jovens reconheçam a AIDS como uma doença de homossexuais, por isso, atuar na prevenção do HIV com a população jovem, significa compreender os complexos processos de socialização de meninas e meninos adolescentes e de homens e mulheres jovens que as(os) impulsionam a comportamentos sexuais desprotegidos e que elevam a possibilidade de infecção pelo HIV e pelas ISTs. Um dos primeiros passos para apoiar a redução de infecções pelo HIV e as ISTs é conhecer mais sobre as formas de transmissão, saber onde acessar métodos de prevenção, testes e tratamento. A escola é um lugar onde essas informações devem ser disseminadas.

PÚBLICO: profissionais e técnicos da gestão e do corpo docente do ensino fundamental e médio.

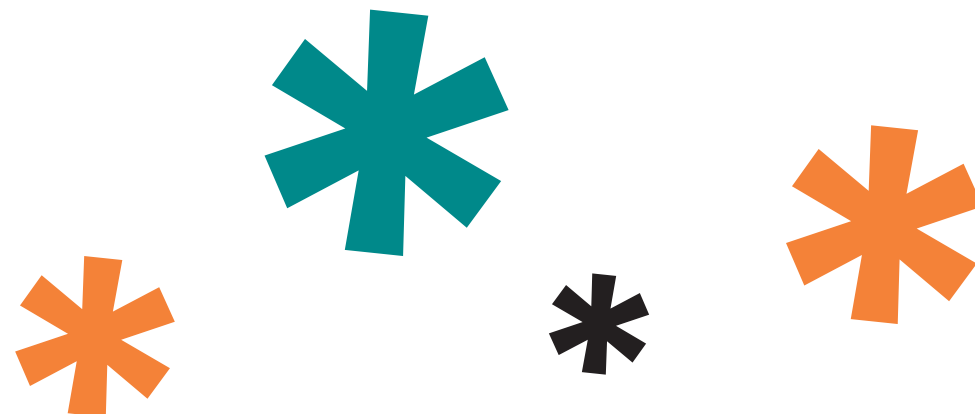
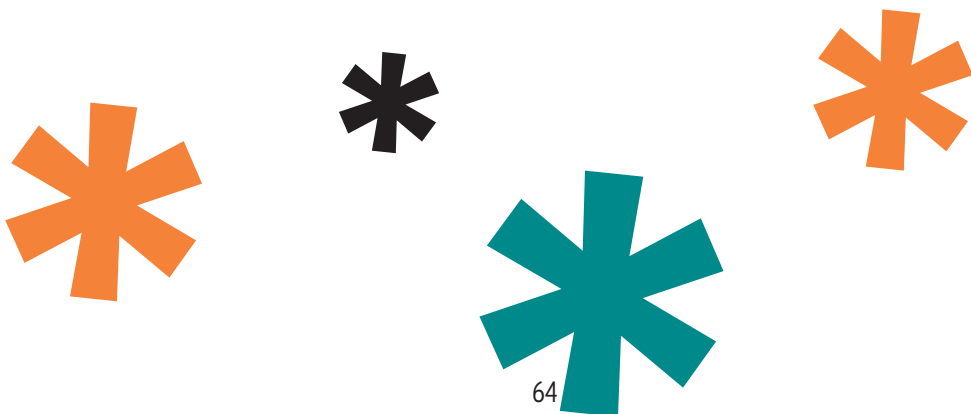
OBJETIVO DA ATIVIDADE: Debater (pre)conceitos relacionados ao HIV e à Aids, conhecer as formas de prevenção das ISTs, HIV e Aids e saber onde buscar testagem e tratamento.

DURAÇÃO: 60 minutos .

MATERIAIS: Roteiro do Estudo de caso **A História de Rodrigo** para o grupo de voluntários.

NOTA DE PLANEJAMENTO:

No dia anterior ou alguns dias antes, se for possível, diga ao grupo que precisa de oito voluntárias(os) para participarem de uma técnica de trabalho. Quando as(os) voluntárias(os) se apresentarem, informe-as(os) que a proposta é que no dia X (informe o dia de acordo com seu planejamento) irão representar uma pequena peça de teatro chamada **A história de Rodrigo**, que deverá ser apresentada aos demais membros do grupo. Solicite que guardem segredo quanto ao enredo para não perder o impacto. Os(As) participantes devem ler o roteiro no dia anterior a esta atividade e o(a) facilitador(a) deve fazer um sorteio para definir quem serão as personagens. Imprima uma Folha de Apoio 1 para cada um(a) dos(as) voluntários(as) e informe quem é seu personagem.



DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE:

ETAPA 1 COMPREENDENDO A ATIVIDADE - 30 MINUTOS

- Antes de iniciar a atividade, fale para o grupo que haverá uma encenação e que homens e mulheres poderão desempenhar papéis que não correspondam ao sexo. Por isso, é importante romper preconceitos e garantir o respeito aos homens que poderão desempenhar algum papel feminino e vice-versa. Também é uma boa oportunidade para se discutir o preconceito e o que está por trás das gozações.
- Dê ao grupo 10 minutos para que se preparem para a encenação. Enquanto isso, peça que algum(a) voluntário(a) escreva o nome de cada personagem em uma plaquinha (feitas com tiras de papel com cerca de 4 dedos de largura e 1 palmo de comprimento). Essa plaquinha deverá ser usada durante a atuação na peça.
- Anuncie que será apresentada a peça **A história de Rodrigo** e solicite que todos prestem bastante atenção ao enredo da peça.
- Depois de apresentada a peça, explique que ela será apresentada **mais uma vez** para que o grupo como um todo encontre um final satisfatório. Informe que para chegar neste final, será preciso mexer nas falas de alguns personagens. Assim, quando alguém do grupo achar que deve entrar no lugar de algum personagem, deve dizer “congelada a cena, entro no lugar de...” e se retoma a história de onde parou. Por exemplo: se alguém achar que o profissional de saúde está mal informado, deve entrar no lugar dele para dar a informação correta.

ETAPA 2 PERGUNTAS PARA A DISCUSSÃO - 25 MINUTOS

- O que vocês sentiram quando a peça foi apresentada pela primeira vez?
- O que é HIV e AIDS?
- Como uma pessoa pode se infectar com o HIV?

- Como se prevenir? Já ouviram falar em Prevenção Combinada para o HIV? (explique do que se trata usando a Folha de Apoio 2)
- As pessoas costumam fazer teste para saber se são portadoras do HIV? Por quê?
- Você sabe dizer onde estão disponíveis esses testes e se são gratuitos?
- Fazer o teste de HIV é importante para adolescentes e jovens?
- Menores de 18 anos têm o direito de realizar o teste de HIV sem a presença de seus responsáveis?
- Quais as fantasias que se tem enquanto se espera pelo resultado do teste de HIV?
- Já existe alguma medicação para tratar as pessoas soropositivas?
- As pessoas costumam ser solidárias com os(as) soropositivos(as)?
- O que são IST?
- Estes temas são abordados na sua escola? De que forma? Se não, como deveriam ser abordados?

ETAPA 3 FECHAMENTO - 5 MINUTOS

- É indispensável trazer informações atualizadas sobre as vias de transmissão do vírus HIV, o histórico da doença, a distinção entre portador do vírus e doente de AIDS e os tratamentos que existem.
- Um ponto básico neste trabalho é despertar a solidariedade para com as pessoas portadoras do vírus da AIDS. Discutir com os jovens a discriminação social e o preconceito de que são vítimas os portadores do HIV e os doentes da AIDS.
- Enfatizar que a ideia de que a AIDS é uma doença relacionada a um comportamento desviante ou a um castigo, ainda leva homens e mulheres heterossexuais a acreditarem que estão livres da possibilidade de contágio.

Mostrar dados estatísticos que desmentem esta ideia é muito importante.

- Explorar que, apesar da AIDS estar constantemente sendo discutida pela mídia, inclusive com relatos de experiências de pessoas convivendo com o vírus há mais de uma década, ainda é bastante forte o preconceito com relação às pessoas contaminadas.
- Lembrar que o preconceito também está relacionado à ideia de que tem AIDS quem é promíscuo, homossexual ou drogado. Todos esses qualificativos são componentes da discriminação.
- Lembrar que o método mais seguro e acessível para prevenção da AIDS e das ISTs se são os preservativos.

ANEXOS

ANEXO 1

FOLHA DE APOIO 01 A HISTÓRIA DE RODRIGO

NARRADOR: Rodrigo é um rapaz de 18 anos, que estuda de noite e durante o dia é office-boy em um escritório de contabilidade. Um colega de trabalho sofreu um acidente e precisava de uma doação de sangue. Rodrigo foi até o serviço de saúde, fez a doação e dias depois foi chamado a comparecer novamente lá para conversar com um profissional de saúde.

PROFISSIONAL DE SAÚDE: Rodrigo, você tem sentido alguma coisa diferente com você?

RODRIGO: Não, acho que estou normal.

PROFISSIONAL DE SAÚDE: (o Profissional de Saúde pega o exame de sangue e o olha demoradamente). Rodrigo, o seu exame de sangue deu soropositivo.

RODRIGO: O quê?!

PROFISSIONAL DE SAÚDE: Você pode estar com AIDS.

RODRIGO: Que é isso! Eu não estou entendendo...

PROFISSIONAL DE SAÚDE: É que... Bem... No seu exame de sangue foi acusado o vírus da

AIDS, mas nós vamos fazer um novo exame para ver se é isso mesmo. Em todo caso, vou encaminhar você para a psicóloga e ela vai conversar melhor sobre o caso. A sala dela é logo ali.

NARRADOR: Depois que ouviu isso, Rodrigo não escutou mais nada. Saiu correndo do serviço de saúde e nem quis saber de falar com a tal psicóloga e muito menos de fazer um outro exame. Ficou andando pela rua sem rumo. Mal conseguia segurar o choro, até que encontrou André, seu melhor amigo.

ANDRÉ: Ô Rodrigo, o que você está fazendo por aqui? Credo, você está com uma cara.

RODRIGO: Aconteceu uma coisa terrível! Estou muito mal... Não sei o que faço.

ANDRÉ: Ô meu! Vamos até aquela lanchonete tomar um refrigerante e você me diz o que está acontecendo. Amigo é pra essas coisas.

NO BAR

RODRIGO: E eu nem sei como te dizer... Eu doe sangue outro dia e hoje fui chamado no serviço de saúde, onde me disseram que eu posso estar com AIDS.

ANDRÉ: (fica com cara de assustado e demora para falar) Mas você tem certeza disso?

RODRIGO: O cara me disse para fazer um outro exame para ter certeza, mas eu saí correndo de lá.

ANDRÉ: Ma...Ma...Mas como isso aconteceu? O que você andou aprontando?

RODRIGO: Eu não sei, eu estava na rua pensando onde foi que eu peguei essa maldita doença. Eu não sou homossexual, não uso drogas. Por que isso aconteceu justo comigo?

NARRADOR: Os dois conversam mais um pouco e cada um toma um rumo diferente. À noite, André encontra a turma.

HELENA: Oi, André! Tudo bem? Quais as novas?

ANDRÉ: Gente, vocês não sabem da maior! Acabei de encontrar o Rodrigo e ele me disse que está com AIDS.

ÂNGELA: O quê? Eu nunca soube que ele usava drogas! Como é que pode?

ALEXANDRE: Vai ver ele andou dando o rabo por aí. Ou senão, pode ter transado com uma puta.

LUCIANA: (com olhos arregalados, prestes a chorar) Eu fiquei com ele na festa da Adriana.

HELENA: Vocês se beijaram?

LUCIANA: Claro! Ai, meu Deus, será que eu estou contaminada?

ALEXANDRE: Acho bom você procurar um Profissional de Saúde, né? Mas como é que alguém pode ficar com um cara como aquele? Eu sempre achei que ele tinha um jeito meio esquisito...

ANDRÉ: Sujou! Aí vem ele.

RODRIGO: Oi!

TODOS: Oi!

HELENA: Tenho que ir embora ajudar a minha mãe.

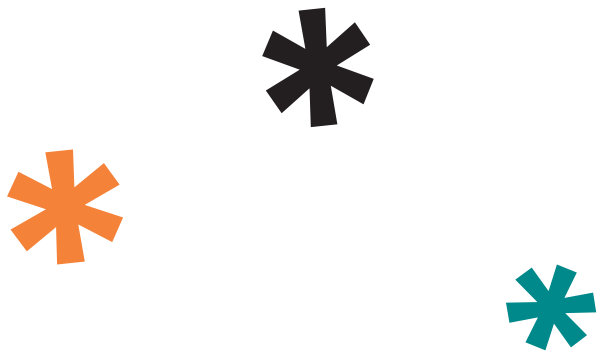
ÂNGELA: Me espera que eu também vou.

ANDRÉ: Também vou nessa.

ALEXANDRE: Fui.

LUCIANA: (olha fixamente para Rodrigo) Como você pode fazer isso comigo? Aposto que você já sabia e ficou comigo assim mesmo...

Todos saem, deixando Rodrigo sozinho.

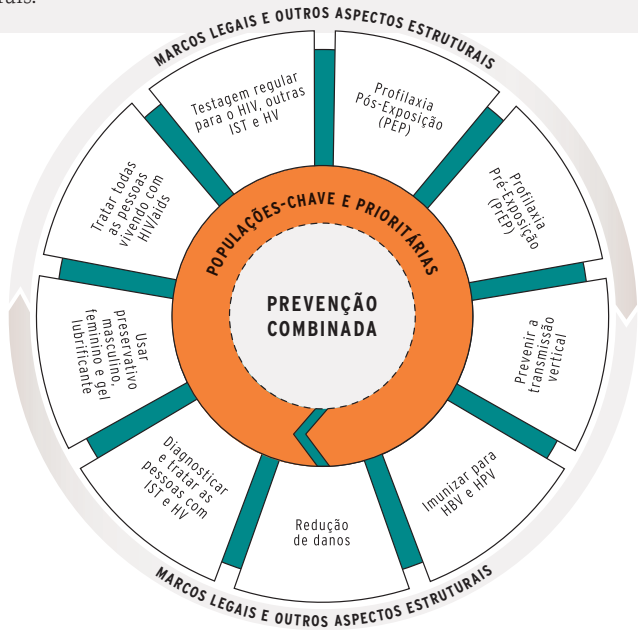


ANEXO 2

FOLHA DE APOIO 2 MANDALA DA PREVENÇÃO COMBINADA AO HIV

A Prevenção Combinada associa diferentes métodos de prevenção ao HIV, às IST e às hepatites virais (ao mesmo tempo ou em sequência), conforme as características e o momento de vida de cada pessoa. Entre os métodos que podem ser combinados, estão: a testagem regular para o HIV, que pode ser realizada gratuitamente no Sistema Único de Saúde (SUS); a prevenção da transmissão vertical (quando o vírus é transmitido para o bebê durante a gravidez); o tratamento das infecções sexualmente transmissíveis e das hepatites virais; a imunização para as hepatites A e B; programas de redução de danos para usuários de álcool e outras substâncias; profilaxia pré-exposição (PrEP); profilaxia pós-exposição (PEP); e o tratamento de pessoas que já vivem com HIV. É bom lembrar que uma pessoa com boa adesão ao tratamento atinge níveis de carga viral tão baixos que é praticamente nula a chance de transmitir o vírus para outras pessoas. Além disso, quem toma o medicamento corretamente não adoece e garante a sua qualidade de vida. Todos esses métodos podem ser utilizados pela pessoa isoladamente ou combinados.

Veja nas “fatias” da mandala e conheça as formas de prevenção ao HIV, às IST e às hepatites virais.



ANEXO 3

PARA SABER MAIS:

O QUE É HIV?²⁰

HIV é a sigla em inglês do vírus da imunodeficiência humana. Causador da AIDS, ataca o sistema imunológico, responsável por defender o organismo de doenças. As células mais atingidas são os linfócitos T CD4+. E é alterando o DNA dessa célula que o HIV faz cópias de si mesmo. Depois de se multiplicar, rompe os linfócitos em busca de outros para continuar a infecção.

Ter o HIV não é a mesma coisa que ter AIDS. Há muitos soropositivos que vivem anos sem apresentar sintomas e sem desenvolver a doença. Mas podem transmitir o vírus a outras pessoas pelas relações sexuais desprotegidas, pelo compartilhamento de seringas contaminadas ou de mãe para filho durante a gravidez e a amamentação, quando não tomam as devidas medidas de prevenção. Por isso, é sempre importante fazer o teste e se proteger em todas as situações.

BIOLOGIA

O HIV é um retrovírus, classificado na subfamília dos *Lentiviridae*. Esses vírus compartilham algumas propriedades comuns: período de incubação prolongado antes do surgimento dos sintomas da doença, infecção das células do sangue e do sistema nervoso e supressão do sistema imune.

ASSIM PEGA:

- Sexo vaginal sem camisinha;
- Sexo anal sem camisinha;
- Sexo oral sem camisinha;
- Uso de seringa por mais de uma pessoa;

- Transfusão de sangue contaminado;
- Da mãe infectada para seu filho durante a gravidez, no parto e na amamentação;
- Instrumentos que furam ou cortam não esterilizados.

ASSIM NÃO PEGA:

- Sexo desde que se use corretamente a camisinha;
- Masturbação a dois;
- Beijo no rosto ou na boca;
- Suor e lágrima;
- Picada de inseto;
- Aperto de mão ou abraço;
- Sabonete/toalha/lençóis;
- Talheres/copos;
- Assento de ônibus;
- Piscina;
- Banheiro;
- Doação de sangue;
- Pelo ar.

SINTOMAS E FASES DA AIDS ²¹

Quando ocorre a infecção pelo vírus causador da AIDS, o sistema imunológico começa a ser atacado. E é na primeira fase, chamada de infecção aguda, que ocorre a incubação do HIV (tempo da exposição ao vírus até o surgimento dos primeiros sinais da doença). Esse período varia de três a seis semanas. E o orga-

20 Boletim Epidemiológico HIV AIDS 2019 – Secretaria de Vigilância em Saúde Ministério da Saúde - <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2019/boletim-epidemiologico-de-hiv-aids-2019>

21 Boletim Epidemiológico HIV AIDS 2019 – Secretaria de Vigilância em Saúde Ministério da Saúde - <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2019/boletim-epidemiologico-de-hiv-aids-2019>



nismo leva de 30 a 60 dias após a infecção para produzir anticorpos anti-HIV. Os primeiros sintomas são muito parecidos com os de uma gripe, como febre e mal-estar. Por isso, a maioria dos casos passa despercebida.

A próxima fase é marcada pela forte interação entre as células de defesa e as constantes e rápidas mutações do vírus. Mas isso não enfraquece o organismo o suficiente para permitir novas doenças, pois os vírus amadurecem e morrem de forma equilibrada. Esse período, que pode durar muitos anos, é chamado de assintomático.

Com o frequente ataque, as células de defesa começam a funcionar com menos eficiência até serem destruídas. O organismo fica cada vez mais fraco e vulnerável a infecções comuns. A fase sintomática inicial é caracterizada pela alta redução dos linfócitos T CD4+ (glóbulos brancos do sistema imunológico) que chegam a ficar abaixo de 200 unidades por mm³ de sangue. Em adultos saudáveis, esse valor varia entre 800 a 1.200 unidades. Os sintomas mais comuns nessa fase são: febre, diarreia, suores noturnos e emagrecimento.

A baixa imunidade permite o aparecimento de doenças oportunistas, que recebem esse nome por se aproveitarem da fraqueza do organismo. Com isso, atinge-se o estágio mais avançado da doença, a AIDS. Quem chega a essa fase, por não saber da sua infecção ou não seguir o tratamento indicado pela equipe de saúde, pode sofrer de hepatites virais, tuberculose, pneumonia, toxoplasmose e alguns tipos de câncer. Por isso, sempre que você transar sem camisinha ou passar por alguma outra situação de risco, procure uma unidade de saúde imediatamente, informe-se sobre a Profilaxia Pós-Exposição (PEP) e faça o teste.

O QUE SÃO IST²²?

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) são causadas por vírus, bactérias ou outros microrganismos. Elas são transmitidas, principalmente, por meio do contato sexual (oral, vaginal, anal) sem o uso de camisinha masculi-



22 Ministério da Saúde. O que são ISTs - [http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-sao-ist#:~:text=As%20Infec%C3%A7%C3%B5es%20Sexualmente%20Transmiss%C3%ADveis%20\(IST,uma%20pessoa%20que%20esteja%20infectada.](http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-sao-ist#:~:text=As%20Infec%C3%A7%C3%B5es%20Sexualmente%20Transmiss%C3%ADveis%20(IST,uma%20pessoa%20que%20esteja%20infectada.)



na ou feminina, com uma pessoa que esteja infectada. A transmissão de uma IST pode acontecer, ainda, da mãe para a criança durante a gestação, o parto ou a amamentação. De maneira menos comum, as IST também podem ser transmitidas por meio não sexual, pelo contato de mucosas ou pele não íntegra com secreções corporais contaminadas.

O tratamento das pessoas com IST melhora a qualidade de vida e interrompe a cadeia de transmissão dessas infecções. O atendimento, o diagnóstico e o tratamento são gratuitos nos serviços de saúde do SUS.

A terminologia Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) passou a ser adotada em substituição à expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), porque destaca a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas.

TEMA 5 SAÚDE MENTAL

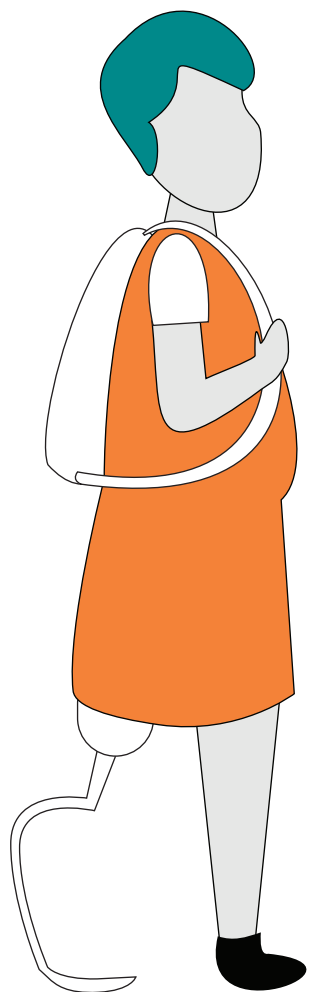
RESULTADO DE APRENDIZAGEM:

As(Os) participantes entendem que enquanto a maioria dos(as) adolescentes têm uma boa saúde mental, múltiplas mudanças físicas, emocionais e sociais, incluindo a exposição à situação de vulnerabilidades sociais, abusos e violências podem torná-las(os) vulneráveis a desenvolverem transtornos de saúde mental.

COMO SE PREPARAR/ESTUDAR PARA ESTA ATIVIDADE:

- Leia “O que é redução de danos” (Ministério da Saúde). Disponível em <<http://www.aids.gov.br/pt-br/faq/23-o-que-e-reducao-de-danos>> Acesso em 15 de julho de 2020.
- Leia “Saúde mental dos adolescentes” (OPAS). Disponível em <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5779:folha-informativa-saude-mental-dos-adolescentes&Itemid=839> Acesso em 15 de julho de 2020.

- Leia “Jovens e Saúde Mental em um Mundo em Mudança” (Ministério da Saúde). Disponível em <<http://bvsmms.saude.gov.br/ultimas-noticias/2800-jovens-e-saude-mental-em-um-mundo-em-mudanca-tema-do-dia-mundial-da-saude-mental-2018-comemorado-em-10-10>> Acesso em 15 de julho de 2020.



- Leia “Atenção Psicossocial a Crianças e Adolescentes no SUS Tecendo Redes para Garantir Direitos” (Ministério da Saúde). Disponível em <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao_psicossocial_crianças_adolescentes_sus.pdf> Acesso em 15 de julho de 2020.
- Leia “Saúde Mental – Crianças, Adolescentes e Covid-19” (Prefeitura de Florianópolis - SC). Disponível em <http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/10_06_2020_11.45.28.1348cf0dd2c15af004bc4b809a58c458.pdf> Acesso em 15 de julho de 2020.

Assista ao vídeo:

- **Sarah-Jayne Blakemore: O misterioso funcionamento do cérebro adolescente** – TED. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=6zVS8HIPUng>> Acesso em 15 de julho de 2020.

ATIVIDADE 05

CUIDANDO E VALORIZANDO AS EMOÇÕES DOS(AS) ADOLESCENTES

ADAPTAÇÃO: Programa M

UM RESUMO DO TEMA A SER ABORDADO:

A proposta da atividade é problematizar com os(as) participantes a influência que o olhar dos outros (pessoas adultas) têm sobre os(as) adolescentes. Adolescência é classificada como um ciclo da vida que começa com mudanças biológicas, hormonais e físicas da puberdade, no qual notamos também algumas mudanças sociais. Nessa fase se intensifica um processo complexo de subjetivação, atravessado por questões sociais e marcadores como sexo, classe, raça, relação parental, etc. Esse ciclo termina quando a pessoa supostamente deveria atingir um papel estável e independente na sociedade, o que para algumas é um grande desafio, principalmente se estão em situações de vulnerabilidade. Na nossa legislação (ECA), a adolescência começa aos 12 anos e termina quando a pessoa atinge a maioridade (18 anos). No entanto, em termos de saúde, as políticas públicas do Brasil e as abordagens da Organização Mundial de Saúde, levam em consideração que a adolescência vai dos 10 aos 19 anos. O cérebro adolescente é especialmente maleável e adaptável. É uma fase repleta de possibilidades para aprendizagem, criatividade, inovação e experimentação. É uma etapa da vida que precisa ser vivida de forma plena, saudável, estimulante e protegida pelos direitos assegurados em diversos marcos legais. O que é visto, muitas vezes, como um problema na adolescência, como o aumento da exposição a riscos, baixo controle de impulsos, não deveria ser estigmatizado e sim, ser visto como uma oportunidade para a educação e desenvolvimento social. Adolescentes precisam de cuidado, escuta, estímulos e apoio para se desenvolverem plenamente e diminuir suas chances de desenvolver transtornos mentais.

PÚBLICO: profissionais e técnicos da gestão e do corpo docente do ensino fundamental e médio.

OBJETIVO DA ATIVIDADE: Criar ambiente para que profissionais ressignifiquem seus olhares sobre as características específicas da adolescência e juventude, percebendo as emoções como dimensão importante nos seus processos de desenvolvimento.

DURAÇÃO: 60 minutos

MATERIAIS: Projetor, computador, Internet (ou vídeo baixado), caixa de som, 01 guarda-chuva monocromático, tira de papéis, marcadores e fita adesiva.

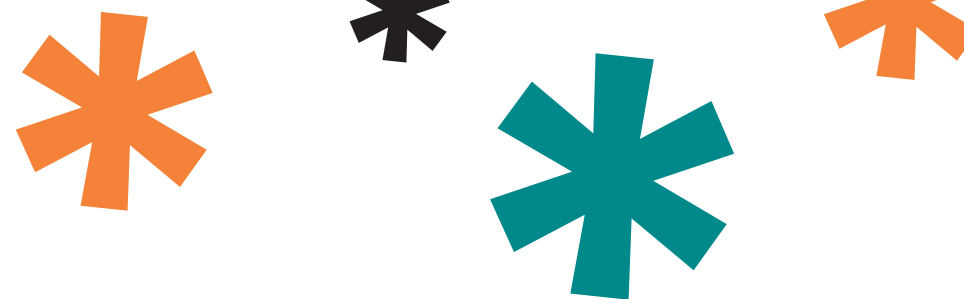
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE:

ETAPA 1 ESTEREÓTIPOS DA ADOLESCÊNCIA (40 MINUTOS)

- Peça que um(a) voluntário(a) fique sentado(a) no centro da sala segurando um guarda-chuva;
- Os(As) demais participantes devem escrever em tiras de papéis, o máximo possível de ideias, termos e palavras sobre como a sociedade enxerga os(as) adolescentes **(5 minutos)**.
- Um(a) a um(a), os(as) participantes vão dizendo em voz alta o que escreveram e colam no guarda-chuva. Avise que, se alguém escrever a mesma coisa que a pessoa da vez, pode se levantar junto e colar ao mesmo tempo **(5 minutos)**

PERGUNTAS (20 MINUTOS):

- Vocês acham que esse guarda-chuva ficou muito pesado?
- Quando vocês eram adolescentes percebiam que a sociedade os(as) enxergava com essas perspectivas? E os(as) adolescentes de hoje, percebem também?
- Que tipos de relações sociais resultam destes estereótipos?
- Qual é o valor que a sociedade dá a adolescentes e jovens? Existe uma escuta ativa e compreensiva? Ou acabamos minimizando suas questões, subjetividades, dilemas?



- Existe algo específico que gostariam de destacar sobre como a sociedade enxerga meninas negras, meninos negros, meninos em geral, meninas em geral, meninas e meninos pobres, meninas e meninos gays, e como isso afeta suas subjetividades?
- Vocês conhecem os aspectos biopsicossociais²³ que embasam certos comportamentos de risco, mas que também são responsáveis pelo grande potencial criativo de adolescentes?
- Finalize com a exposição do vídeo “Adolescentes lo que de verdad pensamos sobre ellos” **(03:09min)** - UNICEF. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=jQ5atT9xrbw>>. Em seguida, realize uma conversa sobre como os(as) participantes conseguem relacionar o vídeo às perguntas anteriores. Aproveite o momento para compartilhar com elas(es) algumas informações que você extraiu das suas leituras e do vídeo “O misterioso funcionamento do cérebro adolescente” **(7 minutos)**

NOTA: o vídeo tem legenda apenas em espanhol. Utilize a Folha de Apoio 1 para realizar tradução simultânea para os(as) participantes.

ETAPA 2 PRAZERES E RISCOS (15 MINUTOS)

- Prepare com antecedência um grande mural de flipchart (ou imprima um banner) com o quadro-modelo da Folha de Apoio 2.
- Explique às(aos) participantes a lógica do quadro: na coluna do meio estão as coisas que nos dão prazer, na coluna da esquerda, os riscos associados ao prazer e na coluna da direita, estão os fatores de proteção, ou seja,

23 Que está relacionado com variantes biológicas, psicológicas e sociais.

as coisas que podem assegurar que, o que nos dá prazer não nos cause danos ou que possa minimizá-los. **(5 minutos)**

- Peça que os(as) participantes cite verbalmente algumas informações sobre comportamento de risco e fatores de proteção de adolescentes, que consideram que estejam faltando no quadro. **(5 minutos)**

PERGUNTAS (5 MINUTOS):

- Que informações e suportes um(a) adolescente precisa para reduzir danos e práticas de risco?
- Como você pode estimular um(a) adolescente de sua comunidade escolar a refletir sobre redução de danos?

ETAPA 3 FECHAMENTO (5 MINUTOS)

Na adolescência há uma predisposição ao desenvolvimento de alguns transtornos psicopatológicos como a depressão (com ou sem ideações suicidas), ansiedade e alguns comportamentos de risco à saúde. Estes são fenômenos multicausais, inclusive influenciados pelo que foi trabalhado nas atividades (estigmas e falta de consciência sobre redução de danos). Em partes, esses transtornos e comportamentos atravessam a adolescência por questões que são marcantes nessa fase, tais como sentimentos de vazio, tédio, indiferença, solidão, abandono, impressão de ser mal-amado, incompreendido e rejeitado. Tudo isso atua como fator de risco que pode também estar associado ao uso abusivo de álcool e outras drogas, daí a importância de uma rede de apoio fortalecida e de ações pontuais como a redução de danos. Uma ação de prevenção é realizar um trabalho de fortalecimento da autoimagem de adolescentes, observando potencialidades e fragilidades que precisam ser trabalhadas. E lembre-se: apesar de estarem num mesmo ciclo de vida, carregando consigo características específicas e universais como um grupo, cada adolescente atravessará essa fase de modo muito particular, e isso tem a ver com suas identidades, com a falta ou com as oportunidades de desenvolvimento que terão em suas vidas.

Nota: após o encerramento da atividade, deixe com as(os) participantes uma cópia da Folha de Apoio 3, para que possam conhecer alguns fatores de risco e de proteção para saúde mental de crianças e adolescentes.

ANEXOS

ANEXO 1

PERGUNTAMOS A ADULTOS, DE TODO O MUNDO, O QUE PENSAM DOS ADOLESCENTES.

Que penso dos adolescentes?

M2- Os adolescentes? Não tenho muito o que pensar? Só dão dor de cabeça.

H1 - Preguiçosos, egoístas e cruéis.

M3 - Desrespeitosos, mal educados, egoístas e egocêntricos.

H2 - Seu estilo de vida é uma perda de tempo.

M2 - Eles olham, pensam e passam.

M1 - É difícil estar com eles. Em um momento estão bem. No outro começam a chorar.

M4 - É complicado.

H3 - Eles só pensam em diversão e sair da escola.

H4 - Estão apenas com os seus.

H5 - Não têm nenhum compromisso.

M5 - Eles não têm força.

H3 - Precisamos lhes convidar a trabalhar. Explicar como as coisas funcionam. Explicar como são as coisas.

M6 - Acredito que a palavra que os define é “adolescente”. Não posso defini-los.

DECIDIMOS COMPROVAR SE O QUE DIZIAM ERA A VERDADE. E ISTO FOI O QUE ENCONTRAMOS:

1- Kenneth Shinozuka - 16 anos - inventa um dispositivo para pacientes com Alzheimer.

2- Ciara, Emer e Sophie - 18 anos - descobrem uma bactéria para melhorar as colheitas.

3- Alissa Carson - 14 anos - futura astronauta.

4- Sara Sokba - 18 anos - descobre um tratamento contra a fibrose cística.

5- Rio Anderson - 17 anos - Bailarina da Royal Ballet School

Voz masculina adulta 1 de fundo - Porque tem tudo pronto, não lutam por nada.

Voz feminina adulta 2 de fundo - Porque não têm metas, têm sonhos.

Voz feminina adulta 2 de fundo - O que mais me irrita é a falta de compromisso.

Voz feminina adulta 3 de fundo - qualquer tipo de disciplina que necessite uma constância é impossível.

Voz masculina adulta 2 de fundo - E só pensam neles.

M2- Não acredito que o futuro está claro com essa geração.

EM SEGUIDA APRESENTAÇÃO DE VÁRIOS ADOLESCENTES ENVOLVIDOS E PROTAGONIZANDO ATIVIDADES LIGADAS À ARTE, CULTURA, CIÊNCIA...

E agora? O que pensam dos adolescentes?

H3- Isso me dá arrepios.

M2 - O que eu fiz?

M1- Nós necessitamos mais deles do que eles de nós.

M7- Fico feliz. Muito feliz.

Que nenhum adolescente no mundo fique sem a oportunidade de desenvolver o seu talento.

Power for youth é uma iniciativa da ING a favor de Unicef, para melhorar o futuro dos jovens.



ANEXO 2²⁴

Abaixo, segue o modelo do mural. Ele inclui uma descrição dos riscos/danos e fatores de proteção associados aos prazeres mais comuns. É importante saber que:

COMPORTAMENTO: é a ação que eu faço. Ex: dirigir um carro.

RISCO: é a possibilidade de algo ruim acontecer. Ex: bater o carro.

FATOR DE RISCO: é um aspecto da ação/situação que aumenta a possibilidade de algo ruim acontecer. Ex: dirigir em alta velocidade.

DANO: é a consequência prejudicial que acontece em decorrência do meu ato.

FATOR DE PROTEÇÃO: é um aspecto da ação/situação que pode contrabalançar o risco ou o dano. Ex: não dirigir embriagado (diminui o risco de bater o carro); usar cinto de segurança.

A REDUÇÃO DE DANOS propõe diminuir um dano que já está acontecendo ou que acontecerá. Ex: a pessoa costuma beber, mas vai procurar se alimentar antes para diminuir os danos da embriaguez e não dirigir depois; não compartilhar seringas e agulhas. Enfatiza, sobretudo, que a redução de danos pode ser definida como uma estratégia pragmática do campo da saúde pública, que visa reduzir os danos associados ao consumo de drogas psicotrópicas. No Brasil e em vários países, é uma política de saúde pública recomendada para lidar de forma adequada com a questão das drogas. Podemos também utilizar a mesma abordagem com outros fatores de riscos. Ex: “se transar, use camisinha!”

Podemos também utilizar a mesma abordagem com outros fatores de riscos. Ex: “se transar, use camisinha!”

COMO SUGESTÃO, PODE-SE IMPRIMIR UM BANNER COM ESSA IMAGEM (ARQUIVO DE IMAGEM ESTARÁ DISPONÍVEL NA VERSÃO DIGITAL DESTA GUIA)



ANEXO 3²⁵

FATORES DE RISCO/DANOS	PRAZER	FATORES DE PROTEÇÃO
Afeta funções mentais e físicas; como ter alucinações; convulsões; taquicardia.	Cheirar cocaína	- Reduzir a dose; - Não compartilhar o canudo.
- Estar deprimida e comer muito doce; - Não lavar alimentos sujos e ficar doente; - Ingerir alimentos com validade vencida e passar mal.	Comer	- Ter uma dieta equilibrada e balanceada para não engordar; - Lavar bem alimentos para manter a saúde; - Verificar a data de validade dos alimentos e conservar corretamente os alimentos.
- Dirigir embriagado; - Ficar ferido em acidente; - Andar em alta velocidade; - Bater com o carro.	Dirigir carro	- Não ingerir bebida alcoólica antes de dirigir; - Usar cinto de segurança; - Obedecer às leis de trânsito.
- Fumar muitos cigarros; - Ter problemas pulmonares; - Ter outros problemas de saúde; - Ter hábitos pouco saudáveis (na alimentação, sedentarismo, obesidade, etc.).	Fumar	- Fumar poucos cigarros ao dia; - Parar de fumar para não ter problemas de saúde.

25 Imagem da publicação da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul “Adolescência e Saúde” (2018). Disponível em: http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repdcp_m505/CSMA/2018%20-%20Adolesc%C3%A4ncia%20e%20Sa%C3%BAde%20-%20Cartilha.pdf. Acesso em 16 de julho de 2020.

ANEXO 4

DOMÍNIO	FATORES DE RISCO	FATORES PROTETORES
SOCIAL	a) Família	- Vínculos familiares fortes; - Oportunidades para envolvimento positivo na família.
	b) Escola	- Oportunidades de envolvimento na vida da escola; - Reforço positivo para conquistas acadêmicas; - Identificação com a cultura da escola.
	c) Comunidade	- Ligação forte com a comunidade; - Oportunidade para uso construtivo do lazer; - Experiências culturais positivas; - Gratificação por envolvimento na comunidade.
DOMÍNIO PSICOLÓGICO	- Temperamento difícil; - Dificuldades significativas de aprendizagem; - Abuso sexual, físico e emocional.	- Habilidade de aprender com a experiência; - Boa autoestima; - Habilidades sociais; - Capacidade para resolver problemas.
DOMÍNIO BIOLÓGICO	- Anormalidades cromossômicas; - Exposição a substâncias tóxicas na gestação; - Trauma craniano; - Hipoxia ou outras complicações ao nascimento; - Doenças crônicas, em especial neurológicas e metabólicas; - Efeitos colaterais de medicação.	- Desenvolvimento físico apropriado à idade; - Boa saúde física; - Bom funcionamento intelectual.

TEMA 6 VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

RESULTADO DE APRENDIZAGEM:

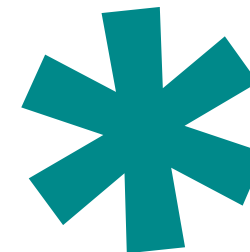
As(os) participantes entendem os conceitos de Violência e suas diferentes formas, além de descobrirem métodos de enfrentamento e proteção, principalmente, para as crianças e adolescentes.

COMO SE PREPARAR PARA ESTUDAR PARA ESTA ATIVIDADE

- Leia o livro: Violência - Orientações para profissionais da Atenção Básica de Saúde (2013) – Fundação Oswaldo Cruz / Centro Latino Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli. Disponível em <http://www5.enasp.fiocruz.br/biblioteca/dados/txt_469588428.pdf> Acesso em junho de 2020.
- Leia a publicação: Violência contra Crianças e Adolescentes: Análise de Cenários e Propostas de Políticas Públicas / elaboração de Marcia Teresinha Moreschi – Documento eletrônico – Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018, 377p. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/violencia-contra-criancas-e-adolescentes-analise-de-cenarios-e-propostas-de-politicas-publicas-2.pdf>> Acesso em junho de 2020.
- Leia o material: Linha de cuidado para a atenção integral à saúde de crianças, adolescentes e suas famílias em situação de violências: orientação para gestores e profissionais de saúde / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_crianças_famílias_violências.pdf> Acesso em junho de 2020.
- Leia a cartilha – Violência – Definições e tipologias – UFSC. Disponível em < https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/1862/1/Definicoes_Tipologias.pdf> Acesso em junho de 2020.
- Leia – Violência - Campanha de Prevenção à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes – Cartilha Educativa. Disponível em <http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/sedh/cartilha_educativa.pdf> Acesso em junho de 2020

Assista aos vídeos:

- Violência contra a criança e o adolescente <<https://www.youtube.com/watch?v=bpLh9HFeyDk>> Acesso em 28 de junho de 2020.
- Documentário Casamento Infantil – Plan International – Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qIPAKKzNZ_w> Acesso em 28 de junho de 2020.
- Desmascarando o abuso do programa “Que abuso é esse?” – Canal Futura. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=fsUW-q800rF4>> Acesso em 29 de junho de 2020.



ATIVIDADE 06

VIOLÊNCIA: É OU NÃO É?

ADAPTAÇÃO: Mobiliza Aê!

UM RESUMO DO TEMA A SER ABORDADO:

Ao longo das cinco atividades anteriores trabalhadas neste documento, o tema da **violência** aparece como elemento transversal à privação aos direitos da criança e do adolescente. Nesta sessão este é o tema central. A proposta é que aqui reflitamos sobre as diferentes formas de violência, enfatizando abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes, assim como as formas de enfrentamento.

PÚBLICO: profissionais e técnicos da gestão e do corpo docente do ensino fundamental e médio.

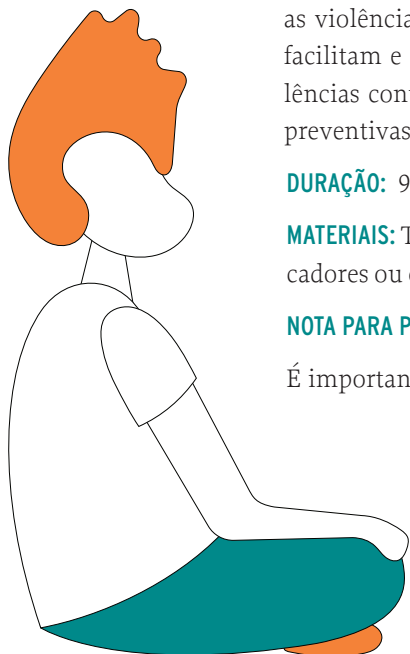
OBJETIVO DA ATIVIDADE: Discutir o que é violência, tipificar as violências, além de perceber quais as condições que facilitam e como a escola pode ajudar a reduzir as violências contra crianças e adolescentes, através de ações preventivas e da notificação.

DURAÇÃO: 90 minutos.

MATERIAIS: Tarjetas, cards com histórias, fita adesiva, marcadores ou canetinhas coloridas.

NOTA PARA PLANEJAMENTO:

É importante salientar que nesta atividade faz-se necessário colocar uma nota de planejamento, dada a complexidade de tratar sobre violências em suas diferentes manifestações e formas. Para planejamento e execução desta atividade, de acordo



com o Manual MobilizaÊ, pode ser útil que o(a) facilitador(a) procure dados da localidade ou país sobre diferentes formas de violência contra crianças e adolescentes, informações sobre as leis em vigor, bem como as organizações que oferecem apoio às crianças e adolescentes que tenham sofrido violência. Estas informações podem ser úteis para responder perguntas que possam ser feitas durante ou depois dessa técnica. Também antes de iniciar a atividade revise as frases para ver as que você acha mais pertinentes ou acrescenta outros exemplos apropriados à realidade local.

OBSERVAÇÃO: É importante que antes desta atividade, se possível, dias antes, os(as) participantes recebam uma folha de apoio com conceito e tipificações de violências.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE:

ETAPA 1 CONHECENDO OS TIPOS DE VIOLÊNCIA - 40 MINUTOS

- Explique que a atividade tem como objetivo a descoberta e conceituação de diferentes violências.
- Conceitue os tipos de violências (Folha de Apoio 1), apresentando-os em linguagem clara e acessível aos(as) participantes (15 minutos).
- Coloque 07 tarjetas espalhadas nas paredes, mantendo espaços entre elas, cada uma com um título: **Violência Física; Violência autoinfligida; Violência emocional ou psicológica; Violência sexual; Negligência ou abandono; Abuso sexual; Exploração Sexual.**
- Faça uma tarjeta especial para “**Não há violência**”.
- Peça que as(os) participantes se reúnam em sete grupos.
- Cada grupo receberá um card (Folha de Apoio 2) com uma história correspondente a um tipo de violência apresentada. Os(As) participantes deverão ler em grupo e em seguida decidir se é uma violência ou não, se for considerada uma violência, precisará ser colocada abaixo da tarjeta correspondente (5 minutos).

- Após todos os cards postos nas paredes, abaixo das tarjetas, as(os) participantes são convidadas(os) em grupos a justificarem as histórias postas na tipificação da violência correspondente. Os(As) outros(as) participantes, dos outros grupos, são convidados(as) a opinarem se a violência é correspondente ou não à história. O(A) facilitador(a) mediará este processo para que os participantes não terminem a atividade com dúvidas sobre as violências (20 minutos).

ETAPA 2 PERGUNTAS PARA A DISCUSSÃO - 35 MINUTOS

- O grupo teve dúvidas? Se sim, que dúvidas?
- Existem tipos de violência que são mais frequentes em relação às meninas, às pessoas negras, às pessoas pobres, às pessoas com deficiência ou outros grupos?
- Qual é a idade de consentimento legal no Brasil e o que diz a lei sobre estupro de vulnerável?
- Pode ser considerada violência uma situação de casamento ou união onde um dos cônjuges é uma pessoa menor de 18 anos? O que diz a legislação brasileira sobre casamento infantil?
- Quais são os canais de denúncia de violência contra crianças e adolescentes? O que pode ser feito em nosso cotidiano para reduzir estes tipos de violências? Qual é o papel da escola na prevenção das violências, no acolhimento e na notificação dos casos?

ETAPA 3 FECHAMENTO - 15 MINUTOS

O primeiro passo é analisar com as(os) participantes se já haviam se deparado com histórias parecidas, se já conheciam todos os tipos de violência abordados na atividade, como se sentiram e se a atividade contribuirá para suas atividades cotidianas. Explique que nem sempre conseguimos identificar as violências, tais como elas são, por causa da sua naturalização, banalização e

até negligência. Segundo Michel Foucault²⁶, “A violência se aplica, sobretudo, na perspectiva das relações de poder”, por isso alguns grupos estão mais vulneráveis a ela, como é o caso das crianças. Neste sentido, a atividade teve como proposta jogar luz sobre as situações de violência, tipificando-as e problematizando-as para que os(as) participantes consigam refletir e se aprofundar na temática, além de abordar alguns mecanismos de prevenção e proteção, incluindo a sua responsabilidade enquanto educador(a).

ANEXOS

ANEXO 1

FOLHA DE APOIO 1 VIOLÊNCIA E TIPOS DE VIOLÊNCIAS:

CONCEITUANDO VIOLÊNCIA²⁷:

Segundo a OMS, a violência é o uso intencional de força física ou do poder real ou ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, contra um grupo ou contra uma comunidade que resulte ou tenha a possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. (OMS.2002)

A partir deste conceito apresentado pela OMS, é possível compreender a violência sob diferentes tipificações:

- **VIOLÊNCIA AUTOINFLINGIDA:** é a violência contra si mesma(o), subdividida em comportamento suicida (pensamentos suicidas e tentativas de suicídio) e atos de automutilação (mutilar-se, ferir-se);
- **VIOLÊNCIA INTERPESSOAL:** é aquela causada por outra pessoa ou grupo. É o caso da violência dentro da família, a causada por parceiras(os) íntimas(os) (namorada(o), esposa(o), ficante, etc) e violência comunitária.

26 Filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo, crítico literário e professor da cátedra História dos Sistemas do Pensamento francês, nascido na França em 15 de outubro de 1926. Suas teorias abordam as relações de poder.

27 Texto extraído do manual Mobiliza Aê!

- **VIOLÊNCIA COLETIVA:** dividida em violência social, política e econômica, este tipo de violência pode indicar a existência, por exemplo, de crimes de ódio cometidos por grupos organizados, guerras e conflitos armados, atos terroristas ou ainda a violência cometida pelo próprio Estado. Também pode incluir a violência institucional, isto é, as cometidas em serviços e instituições que prestam atendimento à população.

Ou de acordo com sua natureza, que são as formas que as violências assumem, sendo as principais:

- **VIOLÊNCIA FÍSICA:** uso da força física de forma intencional contra alguém. Ex.: bater, dar beliscão, puxar cabelo, empurrar, dar socos e pontapés, etc.
- **VIOLÊNCIA EMOCIONAL OU PSICOLÓGICA:** qualquer forma de comportamento que cause dano emocional, diminuição da autoestima ou que prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento. A violência psicológica também está relacionada a tentar rebaixar uma pessoa ou a controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, por meio de ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outra forma que cause prejuízo à saúde psicológica e ao direito da pessoa de decidir por si mesma.
- **VIOLÊNCIA SEXUAL:** é qualquer ato sexual não desejado ou tentativa de obtê-lo por meio de ameaça física ou psicológica. Também é considerada violência sexual qualquer conduta que constranja uma pessoa a presenciar, manter ou participar de relação sexual não desejada, que induza a comercializar ou a utilizar sua sexualidade, que limite ou anule o exercício dos direitos sexuais e direitos reprodutivos.
- **NEGLIGÊNCIA OU ABANDONO:** caracteriza-se pela falta de atenção, ausência, descaso, omissão. No caso de crianças e adolescentes pode ser classificada em: emocional, física, médica e educacional.

VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES:

A prevenção de qualquer tipo de violência contra crianças e adolescentes está entre os temas mais importantes para a garantia dos direitos humanos desses grupos. Aqui, neste documento vamos aprofundar um pouco mais sobre violência sexual contra crianças e adolescentes.

Segundo o Plano Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes²⁸, violência sexual é todo ato de qualquer natureza, atentatório ao direito humano e ao desenvolvimento sexual da criança e do adolescente, praticado por agente em situação de poder e de desenvolvimento sexual desigual em relação à criança e ao adolescente vítimas.

A última versão desse plano é de 2013. Um plano é um instrumento para orientar as atividades de proteção de crianças e adolescentes no nível das cidades, dos estados e no nível federal. Neste caso, o plano orienta as ações de enfrentamento da violência sexual.

O plano também está explicando que são considerados(as) autores(as) dessa forma de violência, qualquer pessoa que tenha mais poder e esteja em uma fase de desenvolvimento sexual desigual em relação a crianças e adolescentes. Assim, o plano retoma uma ideia que está presente no Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA: crianças e adolescentes são pessoas em fase especial de desenvolvimento e este desenvolvimento – sexual, psicológico, físico, etc. – precisa ser protegido das violências. Dentro dessa definição de violência sexual, o documento reconhece duas formas principais desse tipo de violência:

1. ABUSO SEXUAL:

Todo e qualquer ato ou jogo sexual, em uma relação heterossexual ou homossexual, com o intuito de estimular sexualmente ou utilizar a criança ou adolescente para obtenção de prazer, com ou sem sua permissão. O autor da violência está em fase de desenvolvimento psicológico e sexual mais adiantado que a vítima e pode ou não recorrer ao uso da força, ameaça, sedução ou alicia-

28 Link: http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/sedh/08_2013_pnevsca.pdf



mento com presentes para alcançar seu objetivo. Geralmente, o abuso sexual é praticado por uma pessoa com quem a criança ou adolescente possui uma relação de confiança, dependência ou afeto e/ou com quem convive (familiares, vizinhos(as), professoras(es), amigas(os) da família, etc). Em todas essas formas de abuso, há uma desigualdade de poder entre a criança/adolescente e o autor da violência, seja pela posição que ocupa em relação à criança, seja pela idade, seja por gênero, etc. O abuso sexual acontece em todas as idades.



1.1. ABUSO SEXUAL SEM CONTATO FÍSICO:

- **VOYEURISMO:** olhar o corpo da criança ou adolescente para obter satisfação sexual: no banho ou ao se vestir;
- **EXIBICIONISMO:** mostrar os órgãos genitais ou se masturbar diante da criança/adolescente ou no seu campo de visão, a fim de obter satisfação sexual;
- **ABUSO SEXUAL VERBAL/TELEFONEMAS OBSCENOS:** pode ser definido por conversas abertas sobre atividades sexuais a fim de despertar o interesse da criança ou adolescente e chocá-las(os);
- **ASSÉDIO SEXUAL:** realizar propostas de relações sexuais para crianças e adolescentes, envolvendo ou não ameaça ou chantagem;
- **EXIBIR VÍDEOS, FOTOS, REVISTAS OU QUALQUER MATERIAL COM CONTEÚDO PORNOGRÁFICO** a fim de excitar ou chocar a criança ou adolescente.

1.2 ABUSO SEXUAL COM CONTATO FÍSICO

- Relação sexual de todos os tipos (anal, oral, vaginal);
- Tocar partes íntimas, se esfregar, sentar a criança no colo pressionando seus órgãos sexuais, forçar a criança ou adolescente a masturbá-la(o).

2. EXPLORAÇÃO SEXUAL

É a utilização de crianças e adolescentes em atividades sexuais em troca de dinheiro ou favores (comprar algum objeto, pagar refeições, hotéis, passeios, etc.). Não importa quem recebeu o dinheiro, o presente ou serviço: a família, os aliciadores/agenciadores (aquela pessoa que facilita ou organiza a negocia-



ção) e mesmo a criança ou adolescente – é exploração sexual. São formas de exploração sexual de crianças e adolescentes:

2.1 TROCAS DE FAVORES SEXUAIS: Como o nome diz, é a troca de sexo por pagamento em dinheiro ou por quaisquer tipos de favor ou benefícios (comida, presentes, passeios para criança ou família, por exemplo). Podem ser agenciadas (há um aliciador ou alguém que favoreça a situação de exploração) ou não agenciadas. Algumas pessoas ainda utilizam o termo prostituição infantil para se referir a esta prática de exploração sexual de crianças e adolescentes. Veja no quadro seguinte os motivos para não usar o termo.

2.2 PORNOGRAFIA INFANTIL: Qualquer representação de uma criança/adolescente em atividades sexuais simuladas ou explícitas ou de seus órgãos genitais para propósitos sexuais. A produção, reprodução, venda, exposição, distribuição, compartilhamento, comercialização, aquisição, posse, publicação ou divulgação de materiais pornográficos (fotografia, vídeo, desenho, filme, etc.), seja por quais meios for, envolvendo crianças e adolescentes é considerada pornografia infantil e é crime.

2.3 EXPLORAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO DO TURISMO: Agenciamento de crianças e adolescentes para oferta de serviços sexuais para turistas estrangeiros e/ou do próprio país. Acontece sempre que os equipamentos ligados ao turismo (hotéis, pousadas, bares, casas de show, restaurantes, agências ou guias de turismo, serviços de transporte, etc.) são envolvidos para facilitar ou promover a exploração sexual de crianças e adolescentes.

2.4 TRÁFICO PARA FINS DE EXPLORAÇÃO SEXUAL: Envolve atividades de cooptação e/ou aliciamento, rapto, intercâmbio, transferência e hospedagem da pessoa recrutada para fins de exploração sexual.

Importante lembrar que: *Seja por qual motivo que a criança ou adolescente esteja envolvida, em todas essas situações, a responsabilidade é do adulto que a está explorando.*

2.5 POR QUE NÃO USAMOS A EXPRESSÃO PROSTITUIÇÃO INFANTIL?

Quando estamos falando de crianças e adolescentes, toda vez que há alguma espécie de troca ou pagamento pela prática sexual – em dinheiro, oferta de presentes ou serviços – isso se chama exploração sexual e não prostituição infantil. Não utilizar o termo “prostituição” nesse caso, nos ajuda a reconhecer de que está havendo uma situação de violência sexual. Crianças e adolescentes não têm condições de escolher estar nessa situação, que gera graves consequências para a saúde física, mental e emocional das vítimas. As condições de vulnerabilidade econômica ou psicológica de crianças e adolescentes são uma das causas da exploração sexual. Por isso, elas não são inseridas nestas práticas como “agentes da situação”, mas como vítimas. Neste sentido, também não é adequado se referir a crianças e adolescentes como “prostitutas” ou mesmo “prostituídas”.

PARA SABER MAIS:

ESTUPRO DE VULNERÁVEL:

No Brasil é considerado crime ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com menor de 14 (catorze) anos:

Mais informações sobre a Lei 13.811/19 pode ser encontrada em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12015.htm#:~:text=%E2%80%9CEstupro%20de%20vulner%C3%A1vel,a%2015%20\(quinze\)%20anos.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12015.htm#:~:text=%E2%80%9CEstupro%20de%20vulner%C3%A1vel,a%2015%20(quinze)%20anos.)>

CASAMENTO INFANTIL:

Apesar da prevalência do casamento infantil estar diminuindo em todo o mundo, 12 milhões de meninas ainda se casam todo ano. O casamento forçado de meninas traz consequências imediatas e ao longo de toda a vida. Elas têm menos possibilidades de terminar a escola e mais probabilidades de serem vítimas de abuso, de sofrerem complicações durante a gravidez e de continuarem ciclos de pobreza por várias gerações.

Apesar da prática hoje ser questionada e ter começado a ser proibida em alguns países, o casamento infantil ainda é socialmente aceito em muitos deles. Muitas vezes está relacionado às soluções encontradas pelas famílias para garantir a segurança econômica.

Um contexto ainda pior para muitas meninas é o matrimônio em razão de uma gravidez precoce ou violência sexual; em algumas culturas o casamento é visto como uma forma de reparação ou mesmo de prevenir a desonra da família. Uma legislação atrasada dá brecha para a permissão dessa terrível prática em diversos países. Convenções e tratados internacionais, como a Convenção sobre os Direitos da Criança e a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW), impulsionaram mudanças nas leis. Hoje, a idade internacionalmente aceita para o casamento é de 18 anos e uma união, formal ou informal, antes dessa idade é considerada casamento infantil. Estudos recentes apontam o Brasil como o quarto país no mundo, em números absolutos, de mulheres casadas ou coabitando aos 15 anos, com 877.000 mulheres com idade entre 20 e 24 anos relatando haver se casado aos 15 anos (11 por cento). Entre 20 e 24 anos, estima-se que 36 por cento delas (aproximadamente três milhões de mulheres) se casaram aos 18 anos²⁹.

No Brasil, a idade legal para o casamento é 18 anos, mas a lei o permite aos 16 com o consentimento dos pais. Em 2019 foi sancionada a lei que altera o Código Civil e proíbe o casamento de menores de 16 anos de idade (Lei 13.811/19) sob quaisquer circunstâncias.

Mais informações sobre a Lei 13.811/19 pode ser encontrada em: <[https://www.camara.leg.br/noticias/553631-sancionada-lei-que-proibe-casamento-antes-dos-16-anos-de-idade/#:~:text=Foi%20sancionada%20a%20lei%20que,\(Lei%2013.811%20F19\).&text=Na%20ocasi%C3%A3o%20C%20Laura%20Carneiro%20divulgou,com%2010%20anos%20de%20idade.](https://www.camara.leg.br/noticias/553631-sancionada-lei-que-proibe-casamento-antes-dos-16-anos-de-idade/#:~:text=Foi%20sancionada%20a%20lei%20que,(Lei%2013.811%20F19).&text=Na%20ocasi%C3%A3o%20C%20Laura%20Carneiro%20divulgou,com%2010%20anos%20de%20idade.)>

²⁹ Texto extraído do relatório de Linha de Base do projeto La League (Plan International), produzido em 2018 pela Ideário Consultoria, que consultou dados divulgados por UNICEF e PNDS.

BULLYING:

Também é um tipo de violência muito comum contra crianças e adolescentes. Para saber mais sobre o assunto ou trabalhar o tema na escola, acesse o manual Bullying Não é Brincadeira. Disponível em <https://plan.org.br/wp-content/uploads/2019/03/manual_bullying_sem.compressed.pdf>

ANEXO 2 FOLHA DE APOIO 2

Atenção: Distribua os cards sem o gabarito

HISTÓRIA 1 - VIOLÊNCIA SEXUAL

Pablo e Maria Helena estão casados há 02 anos. Às vezes, Pablo chega em casa tarde e Maria Helena já está dormindo. Ele a acorda para ter sexo com ela. Às vezes, ela não concorda, mesmo assim Pablo força a barra e eles transam.

Isso é violência? Se for violência, que tipo de violência é?

HISTÓRIA 2 - EXPLORAÇÃO SEXUAL

Natasha tem 15 anos e é bastante conhecida na localidade por sair com homens em troca de dinheiro, bebida ou algum presente. Sua família não se opõe ao que Natasha faz. Um dia, Jorge de 29 anos, teve relações sexuais com Natasha e lhe deu roupas novas.

Isso é violência? Se for violência, que tipo de violência é?

HISTÓRIA 3 - VIOLÊNCIA AUTOINFLINGIDA

Priscila tem 13 anos e está bastante incomodada com seu corpo. Ela se acha gorda. Sua família acha que faz parte da adolescência esse inconformismo com o corpo. Priscila passou a andar com blusas de mangas longas, pois ela tem se cortado com o estilete.

Isso é violência? Se for violência, que tipo de violência é?

HISTÓRIA 4 - VIOLÊNCIA FÍSICA

Cristiano tem 10 anos está no 3º ano escolar. Ele tem resistido em fazer as tarefas de casa. Um dia, ele chegou em casa da escola, com deveres de matemática para fazer. Sua mãe chamou sua atenção 03 vezes para fazer e ele não foi. Em seguida, ela bateu nele para fazer a lição de casa.

Isso é violência? Se for violência, que tipo de violência é?

HISTÓRIA 5 - VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

Marcos e Tatiana estão namorando há 06 meses. Tatiana sempre gostou de usar saias e shorts curtos. Marcos não gosta, pois fica com ciúmes. Sempre que a moça põe roupas curtas ele lhe diz para trocar, justificando que ela está acima do peso ideal para usar este tipo de roupa.

Isso é violência? Se for, que tipo de violência é?



HISTÓRIA 6 - NEGLIGÊNCIA

Os pais de Laura levam a menina de 06 anos ao médico, pois ela se sente mal. O médico a atende rápido, sem perguntar o histórico de saúde da menina e examinar ela, receitando aos pais da menina um remédio a ser administrado. Eles saem da consulta compram o remédio e este não resulta em melhora para a menina, pois a enfermidade era outra.

Isso é violência? Se for, que tipo de violência é?

HISTÓRIA 7 - ABUSO SEXUAL

Quando Leonardo tinha 12 anos, uma amiga de sua mãe, Alice, às vezes ficava com ele quando seus pais saíam à noite. Alice tem a mesma idade que a mãe do menino. Uma noite, quando Leonardo foi tomar banho, Alice entrou no chuveiro com ele. Leonardo não sabia o que fazer. Ele ficou parado diante dela. Ela disse para ele: “Por que você está parado aí? Seja um homem de verdade e transe comigo!” Leonardo fez sexo com ela. Depois se sentiu culpado e confuso, mas não sabia se podia falar com alguém sobre isso.

Isso é violência? Se for, que tipo de violência é?

TEMA 7 EXPLORAÇÃO DO TRABALHO INFANTIL

RESULTADO DE APRENDIZAGEM:

Os(as) participantes reconhecem situações de Exploração do Trabalho Infantil e as formas de prevenção e encaminhamento dessas situações.

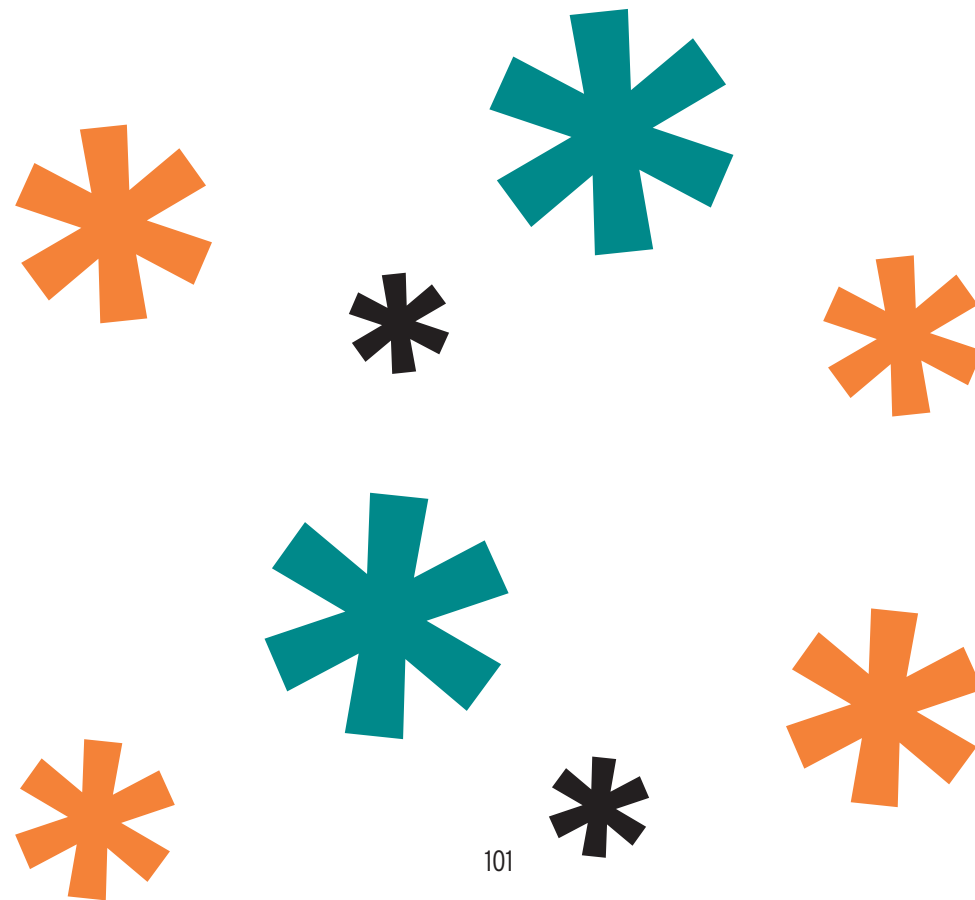
COMO SE PREPARAR PARA ESTUDAR PARA ESTA ATIVIDADE

- Leia a cartilha –Trabalho Infantil e Justiça do Trabalho: Primeiro olhar – Tribunal Superior do Trabalho – Trabalho Infantil CSJT. Disponível em <http://www.csjt.jus.br/c/document_library/get_file?uuid=871ca341-c23b-4ab1-8354-faf8c55f2e44&groupId=955023> Acesso em julho de 2020.
- Leia a cartilha – Saiba tudo sobre o Trabalho Infantil – Ministério do Trabalho e Emprego. Disponível em <http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/ziraldo/cartilha_trabalho_infantil.pdf> Acesso em julho de 2020.

- Observatório da Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil. Disponível em <<https://smartlabbr.org/trabalho infantil>>. Acesso em julho de 2020.

Assista aos vídeos:

- Meia Infância: o trabalho infantil no Brasil hoje. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=_oeYCEYpaRo> Acesso em julho de 2020.
- Trabalho Infantil: Conheça as consequências – Fundação Abrinq. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=8jx8OuHFwMQ>> Acesso em julho de 2020.



ATIVIDADE 07

EXPLORAÇÃO DO TRABALHO INFANTIL SIM OU NÃO?

ADAPTAÇÃO: Atividade autoral.

UM RESUMO DO TEMA A SER ABORDADO:

O Brasil tem uma legislação ampla sobre a proteção da criança e do adolescente e a proibição do trabalho infantil. A proposta desta sessão é proporcionar conhecimento sobre o Trabalho Infantil para o enfrentamento a este tipo de exploração. A Constituição Federal de 1988 determina: • Art. 227 – É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. • Art. 7º - São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social: XXXIII – Proibição de trabalho noturno, perigoso ou insalubre a menores de dezoito e de qualquer trabalho a menores de dezesseis anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de quatorze anos.

PÚBLICO: profissionais e técnicos da gestão e do corpo docente do ensino fundamental e médio.

OBJETIVO DA ATIVIDADE: entender o que é a exploração do trabalho infantil e como encaminhar uma denúncia; conhecer como a legislação protege as(os) adolescentes da exploração do seu trabalho.

DURAÇÃO: 30 minutos.

MATERIAIS: Cards, Placas “Sim” e “Não”.

NOTA PARA PLANEJAMENTO:

Esta atividade requer leitura prévia sobre conceitos de Trabalho Infantil, legislação e releitura sobre interseccionalidade (conceito apresentado em ativida-

des anteriores). Nela, também se apresenta a oportunidade de desnaturalizar o trabalho infantil praticado, geralmente, entre as populações mais vulneráveis.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE:

ETAPA 1 COMPREENDENDO A ATIVIDADE - 10 MINUTOS

- Explique aos(as) participantes que divididos em duplas receberão placas de “SIM” e “NÃO”, que deverão ser levantadas ao ouvir a história contada pelo(a) facilitador(a) da atividade.
- O(A) facilitador(a) lê o primeiro card e ao finalizar, pergunta se aquela história se refere a uma “Exploração Infantil” sim ou não.
- Imediatamente as duplas levantam uma das placas correspondente à pergunta feita.
- Ao responder, as duplas têm um tempo breve para justificar suas respostas. Após ouvir todas as intervenções o(a) facilitador(a) diz se é ou não “Exploração do Trabalho Infantil” e, de acordo com a legislação, explica a resposta correta.

ETAPA 2 PERGUNTAS PARA A DISCUSSÃO - 15 MINUTOS

- O trabalho infantil é uma realidade neste município?
- Como funciona o trabalho de prevenção e o enfrentamento ao trabalho infantil no município?
- Que oportunidades você conhece de profissionalização para meninos e meninas a partir de 14 anos no município ou na região? Como você acha possível estimular mais ações como estas?
- Como abordar este conteúdo no cotidiano escolar?
- Qual é o papel da escola neste assunto?
- Quais são os grupos de crianças e adolescentes mais vulneráveis à explo-

ração do trabalho infantil e às piores formas de exploração do trabalho infantil? O que isso tem a ver com os temas que já discutimos até aqui?

ETAPA 3 FECHAMENTO - 5 MINUTOS

- É importante apontar que os recortes de classe e raça determinam na sociedade brasileira, a naturalização e banalização do trabalho infantil. Faz-se necessário utilizar este espaço de aprendizado para desconstrução desta banalização e naturalização, para que crianças e adolescentes sejam vistos amplamente como sujeitos de direitos em seus processos de desenvolvimento. É necessário apresentar os mecanismos de denúncia às situações de Exploração do Trabalho Infantil como Conselhos Tutelares, CRAS, Delegacias e o Disque 100.

ANEXOS

ANEXO 1

FOLHA DE APOIO 1 CARDS

CARD 01

Fabiana tem 13 anos e, por falta de um lugar seguro para ficar enquanto sua mãe vai para a casa da sua patroa fazer a limpeza, ela a acompanha. Sempre que está com sua mãe, a patroa pede a menina para ajudar na limpeza varrendo a casa, limpando as janelas. Para a mãe de Fabiana não há problema, já que a menina faz as refeições naquela casa e, por isso, pode ajudar

CARD 02

Luan tem 09 anos. Ele é o irmão mais velho de uma família de 04 crianças. Ele e seus irmãos são cuidados apenas pela mãe. Luan, 03 vezes na semana, fica na feira à espera de pessoas para carregar suas compras e assim ganhar gorjetas para ajudar sua mãe a comprar alimentos para ele e seus irmãos.

CARD 03

Vitor é um menino de 10 anos e está de férias. O pai do menino é pedreiro e está trabalhando na construção de uma casa. O ajudante do pai de Vitor ficou doente e o pai decidiu levar o menino para o ajudar na obra pontualmente. O pai acha que é bom, pois tira o menino da rua durante este período e ele ainda aprende uma função laboral, além de ajudar a economizar o dinheiro da família.

CARD 04

Isabela tem 14 anos e foi contratada para trabalhar como jovem aprendiz em um grande supermercado da região onde mora. Ela trabalha durante 6 horas por dia e continua frequentando a escola.

ANEXO 2

FOLHA DE APOIO 2

DISPOSITIVOS LEGAIS SOBRE O TRABALHO INFANTIL³⁰

O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990), em seus artigos 60 a 69, especifica a proteção integral à criança e ao adolescente no âmbito do trabalho. A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT – Decreto 5.452/1943) - em seu Capítulo IV, Título III, dispõe sobre as possibilidades e condições de trabalho a pessoas com idade inferior a 18 anos. O Decreto nº 6.481/2008 trata da proibição das piores formas de trabalho infantil, constando como proibidas 93 atividades para pessoas com idade inferior a 18 anos. A Instrução Normativa nº 66/2006, da Secretaria de Inspeção do Trabalho do Ministério do Trabalho e Emprego dispõe sobre a atuação da inspeção do trabalho no combate ao trabalho infantil e na proteção do trabalhador adolescente. A Inspeção do Trabalho tem por função fiscalizar o cumprimento da legislação trabalhista, dentre outras atribuições.

30 Trabalho infantil e Justiça do Trabalho: Primeiro Olhar http://www.csjt.jus.br/c/document_library/get_file?uuid=871ca341-c23b-4ab1-8354-faf8c55f2e44&groupId=955023

SOBRE O APRENDIZ:

Aprendiz é o empregado com um contrato de trabalho especial e com direitos trabalhistas e previdenciários garantidos. Parte do seu tempo de trabalho é dedicada a um curso de aprendizagem profissional e outra é dedicada a aprender e praticar, no local de trabalho, aquilo que foi ensinado nesse curso.

Os adolescentes e jovens entre 16 e 18 anos, podem trabalhar, mas com restrições: o trabalho não pode ser noturno, perigoso, insalubre, penoso, realizado em locais prejudiciais à sua formação e ao seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e social, nem realizado em horários e locais, que não permitam a frequência escolar.

MOTIVOS PELOS QUAIS CRIANÇAS E ADOLESCENTES NÃO DEVEM TRABALHAR:

- Crianças ainda não têm seus ossos e músculos completamente desenvolvidos. Correm maior risco de sofrer deformações dos ossos, cansaço muscular e prejuízos ao crescimento e ao desenvolvimento, dependendo do ambiente e condições de trabalho a que forem submetidas.
- A ventilação pulmonar (entrada e saída de ar dos pulmões) é reduzida, por isso crianças têm maior frequência respiratória, o que provoca maior absorção de substâncias tóxicas e maior desgaste do que nos adultos, podendo, inclusive, levar à morte.
- Crianças têm maior frequência cardíaca que os adultos para o mesmo esforço (o coração bate mais rápido para bombear o sangue para o corpo) e, por isso ficam mais cansadas do que eles, ainda que exercendo a mesma atividade.



- A exposição das crianças às pressões do mundo do trabalho pode provocar diversos sintomas, como por exemplo, dores de cabeça, insônias, tonteadas, irritabilidade, dificuldade de concentração e memorização, taquicardia e, conseqüentemente, baixo rendimento escolar. Isso ocorre mais facilmente nas crianças porque o seu sistema nervoso não está totalmente desenvolvido. Além disso, essas pressões podem causar diversos problemas psicológicos, tais como medo, tristeza e insegurança.
- Crianças têm fígado, baço, rins, estômago e intestinos em desenvolvimento, o que provoca maior contaminação pela absorção de substâncias tóxicas.
- Crianças possuem visão periférica menor que a do adulto, tendo menos percepção do que acontece ao seu redor. Além disso, os instrumentos de trabalho e os equipamentos de proteção não foram feitos para o tamanho de uma criança. Por tudo isso, ficam mais sujeitas a sofrer acidentes de trabalho.
- O corpo das crianças produz mais calor que o dos adultos quando submetidos a trabalhos pesados, o que pode causar, dentre outras coisas, desidratação e maior cansaço.
- Crianças têm maior sensibilidade aos ruídos que os adultos, o que pode provocar perdas auditivas mais intensas e rápidas.
- Crianças têm a pele menos desenvolvida, sendo mais vulneráveis que os adultos aos efeitos dos agentes físicos, mecânicos, químicos e biológicos.
- O trabalho infantil provoca uma tríple exclusão: na infância, quando perde a oportunidade de brincar, estudar e aprender; na idade adulta, quando perde oportunidades de trabalho por falta de qualificação profissional; na velhice, pela conseqüente falta de condições dignas de sobrevivência.

TEMA 8 COMUNICAÇÃO, PARTICIPAÇÃO E DEMOCRACIA

RESULTADO DE APRENDIZAGEM:

As(Os) participantes entendem o poder da comunicação, em especial das redes sociais, no que se refere à formulação e disseminação de conceitos e valores, bem como de notícias falsas, e como a difusão dessas notícias falsas podem interferir de modo nocivo no cotidiano de crianças e adolescentes.

COMO SE PREPARAR/ESTUDAR PARA ESTA ATIVIDADE:

- Leia a **Cartilha 01 “Comunicação Comunitária essa é sua onda”**. Disponível em <<http://www.gta.org.br/wp-content/uploads/2012/02/cartilha-comunica%C3%A7%C3%A3o-comunit%C3%A1ria.pdf>> Acesso em 07 de julho de 2020.
- Leia a **Cartilha 02 “Comunicação e Direitos Humanos”**. Disponível em <<https://intervozes.org.br/arquivos/interman005comdhs18.pdf>> Acesso em 07 de julho de 2020.
- Leia a **Cartilha 03 “Participação Política de Crianças e Adolescentes”**. Disponível em <<http://cedecaceara.org.br/site/wp-content/uploads/2019/02/Cartilha-direito-a-participa%C3%A7%C3%A3o.pdf>> Acesso em 07 de julho de 2020.

Assista aos vídeos:

- **O que são Fake News 01** - <<https://www.youtube.com/watch?v=2rjv-ep-Lac>> Acesso em 07/07/2020.
- **O que são Fake News 02** - <<https://www.youtube.com/watch?v=96ergL-jiIQ>> Acesso em 07/07/2020.
- **O que são Fakes News? - Dicas para reconhecê-las - Fake news para crianças** - <<https://www.youtube.com/watch?v=xRWcW0RtYjY>> Acesso em 07/07/2020.

ATIVIDADE 08

FAKE NEWS: NÃO CAIA NESTA ARMADILHA

ADAPTAÇÃO: Criação autoral.

UM RESUMO DO TEMA A SER ABORDADO:

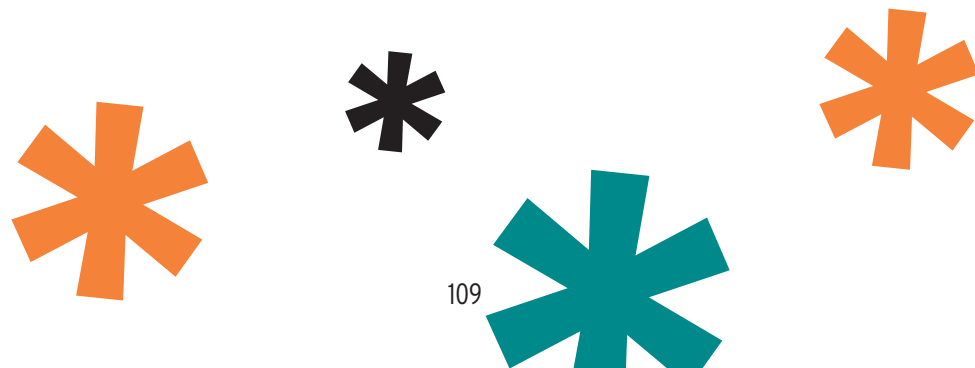
Nesta atividade iremos compreender a importância da comunicação em nosso cotidiano, em particular as redes sociais, como uma forma rápida de troca de informações. A atividade proposta tem como intuito refletir sobre as velocidades em que as informações estão sendo produzidas e difundidas e, a partir disso, propõe-se uma reflexão acerca do compartilhamento de fake news (notícias falsas) e como essa difusão é nociva para a sociedade e pode prejudicar no processo de formação identitária de crianças e adolescentes.

PÚBLICO: Profissionais e técnicos da gestão e do corpo docente do ensino fundamental e médio.

OBJETIVO DA ATIVIDADE: Debater a importância dos meios de comunicação em nosso cotidiano, a velocidade que as informações são difundidas, bem como refletir sobre os impactos que a disseminação de fake news (notícias falsas) pode acarretar no dia a dia de crianças e adolescentes.

DURAÇÃO: 60 minutos.

MATERIAIS: Papel A4, cartolina, lápis, lápis de cor, fita crepe, pincéis atômicos de diversas cores e cópias suficientes dos anexos 1, 2 e 3 para distribuir para as(os) participantes.



DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE:

ETAPA 1 COMPREENDENDO O QUE É FAKE NEWS (NOTÍCIA FALSA) - 57 MINUTOS

- Divida a turma em **4 grupos (1 minutos);**
- Distribua o texto sobre “Notícias Falsas / *Fake News*” (**Anexo 1**) para cada grupo. Em seguida distribua para cada grupo dois cards, em um conterà um texto motivador (**Anexo 2**), no outro terá um público para qual será necessário pensar uma ação de mobilização (**Anexo 3**) (**1 minuto**);
- A partir da leitura dos textos (**Anexos 1 e 2**), cada grupo criará uma campanha de conscientização para os grupos indicados no **anexo 3** sobre os perigos, consequências e possibilidades de se evitar o compartilhamento de fake news (notícias falsas) (**25 minutos**);
- Cada grupo apresentará esta campanha para os/as demais participantes; (**30 minutos**);
- Em plenária, após cada apresentação, o(a) facilitador(a) estimulará o debate entre os(as) participantes. E as perguntas abaixo podem contribuir com a discussão.
 - Algum/a participante já recebeu alguma *fake news* (notícia falsa)?
 - Algum/a participante já compartilhou alguma *fake news* (notícia falsa)?
 - Como você se sentiria se a *fake news* (notícia falsa) fosse sobre você e/ou sua família?
 - Como verificar se uma notícia é verdadeira ou falsa?

ETAPA 2 FECHAMENTO - 03 MINUTOS

Comunicação é a ação de se comunicar, de compartilhar informação. Temos quem emite e quem a recebe. E essa troca de informação pode ser de diversas formas: palavras, sinais, sons, imagens, movimentos corporais, dentre outros.

E na última década a comunicação por meio das redes sociais, via internet, tem aumentado consideravelmente e ocupado boa parte das tarefas do nosso cotidiano. E com isso, a velocidade com que as informações são produzidas e difundidas cresceram de modo exponencial. Assim, outros debates surgiram, a exemplo do debate sobre os perigos das fake news.

ANEXOS:

ANEXO 1

O QUE SÃO FAKE NEWS / NOTÍCIAS FALSAS?

O ato de se comunicar está em constante evolução, e com a popularização da internet, bem como as redes sociais que estão cada dia mais presentes em nosso cotidiano. Por meio das redes sociais, as informações são produzidas e difundidas de modo muito rápido, o que às vezes pode acontecer de não verificarmos a fonte dessas informações, assim como identificar se elas realmente são verdadeiras.

Diante disso, circula nas redes sociais muitas notícias falsas, também conhecidas na atualidade como “*fake news*”. Estas *fake news* / notícias falsas geralmente estão em formato de reportagens de jornais para dar ao(à) leitor(a) uma noção de veracidade, mas o conteúdo é impreciso e/ou distorcido, transformando em uma notícia falsa (*fake news*).

É importante salientar que *fake news* são notícias falsas que aparentam ser verdadeiras, elas são escritas, publicadas e disseminadas com o objetivo de enganar o(a) leitor(a) por diversos motivos, dentre eles, prejudicar alguém, para a obtenção de ganhos morais, econômicos, políticos, dentre outros... E essas notícias falsas, quase sempre estão no superlativo para chamar a atenção do(a) expectador(a).

As notícias falsas (*fake news*) apresentam algumas características em comum entre elas, que podem auxiliar em sua identificação. Geralmente uma *fake news*:



- afirma não ser uma *fake news*;
- tem o título com destaques em maiúsculo;
- possui no título um caráter bombástico e de modo resumido;
- vem como alerta, utilizando palavras como “Urgente”, “Cuidado” e “Atenção”;
- omite a data e/ou o local;
- não possui fonte ou indica fontes desconhecidas;
- não apresenta evidências científicas e também não tem embasamento dos fatos apresentados;
- apresenta dados superlativos (“o maior”, “o melhor”);
- explora assuntos que estão em voga no momento;
- utiliza identidade visual similar as de sites conhecidos;
- apresenta erros gramaticais e de ortografia;
- utiliza imagens adulteradas ou fora de contexto;
- pede para ser repassado para um grande número de pessoas.

O compartilhamento de *fake news* (notícias falsas) pode ser danoso à honra, aos valores, às identidades, a imagem e vida pessoal das pessoas envolvidas; promove uma confusão entre verdade e mentira, além de deturpar o significado de direito à liberdade de expressão e informação; pode colocar em risco também a vida física e psíquica do sujeito que teve sua imagem/identidade associada a uma *fake news* (notícia falsa).

Para evitar de compartilhar uma notícia falsa (*fake news*), sugerimos que **procure a fonte da informação** e pesquise o título da notícia em outros sites. Faça uma pesquisa sobre quem é o(a) autor(a) da notícia. Veja se o site em que a notícia está veiculada é confiável. Procure saber se a notícia está escrita de modo correto, se não há erros de gramática e ortografia. Veja a data da publicação e o contexto em que a notícia foi publicada.

ANEXO 2

TEXTO MOTIVADOR 01

Beatriz recebeu uma mensagem em uma rede social com a seguinte notícia, “Atenção! A partir deste ano todas as universidades públicas começarão a cobrar mensalidades”. Logo após ler o título da notícia, ela compartilhou-a em suas redes sociais falando: “Acabou meu sonho de fazer faculdade”. Após alguns minutos, Camilla, sua amiga, lhe envia uma mensagem falando que a notícia era *fake news*. Beatriz não sabendo o que é *fake news*, pergunta para a amiga, Camilla, o que é *fake news*?

TEXTO MOTIVADOR 02

Marcos encontrou seu amigo Leandro no intervalo da aula. Leandro mostrou para o amigo Marcos a notícia que recebeu por mensagem em uma rede social, a notícia tinha como título “Urgente! Cientistas descobrem que o vírus do HIV é apenas transmitido pela transfusão de sangue”. Marcos não acreditando muito na notícia, falou para o amigo que essa mensagem era *fake news*. Leandro sem saber o que pensar, perguntou para Marcos, o que é *fake news*?

TEXTO MOTIVADOR 03

Lélia, uma estudante do ensino médio, procura a direção da escola para mostrar uma mensagem que está veiculando nas redes sociais a seu respeito. Lélia mostra a seguinte mensagem, “Cuidado! O pai da Lélia acabou de sair da prisão”, para a direção. A direção da escola pergunta para Lélia se era verdade, e a garota logo fala que não, que era uma *fake news* sobre ela. A direção sem saber como agir, pergunta para Lélia, o que é *fake news*?

TEXTO MOTIVADOR 04

Gabriel chega à escola e percebe que o amigo José está muito quieto e calado, e ele sabe que o amigo não é assim. O amigo com cuidado pergunta a José se aconteceu algo e ele responde que recebeu a seguinte mensagem: “Pesquisadores descobrem que todos os homens de sucesso apanharam quando eram crianças”. Logo após Gabriel ler a notícia, ele fala para o amigo que essa era uma notícia falsa, uma fake news. José confuso, pergunta para o amigo, o que é *fake news*?

ANEXO 3

CARDS

GRUPO 01 - Crie uma campanha de mobilização para a comunidade de estudantes.

GRUPO 02 - Crie uma campanha de mobilização para a comunidade de professores(as).

GRUPO 03 - Crie uma campanha de mobilização para a gestão escolar.

GRUPO 04 - Crie uma campanha de mobilização para as famílias dos/as estudantes.

CANAIS PARA DENÚNCIA DE VIOLÊNCIAS CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

COMO PODEMOS FAZER UMA DENÚNCIA? OS PRINCIPAIS CANAIS SÃO:

- O Disque Direitos Humanos, que continua operando normalmente. **Basta discar o número 100.**
- O telefone da Polícia Militar continua ativo. **Basta discar o número 190.**
- Em caso de violência contra a mulher, **disque 180.**
- Essas ligações são gratuitas e podem ser feitas de celular, 24 horas por dia!

CONHEÇA SOBRE O SERVIÇO PRESTADO POR CADA ÓRGÃO:

- **CONSELHO TUTELAR** – Para casos de violência física ou sexual, inclusive por familiares, casos de ameaça ou humilhação por agentes públicos, casos de atendimento médico negado, é necessário chamar o conselho tutelar. Verifique o contato do conselho tutelar da sua cidade, mas atenção: o atendimento pode ter sido alterado devido à pandemia.
- **DISQUE 100** – Vítimas ou testemunhas de violações de direitos de crianças e adolescentes, como violência física ou sexual, podem denunciar anonimamente pelo Disque 100.
- **DISQUE 180** – Em casos de violência contra mulheres e meninas, seja violência psicológica, física, sexual causada por pais, irmãos, filhos ou qualquer pessoa. O serviço é gratuito e anônimo.
- **POLÍCIAS** – Quando estiver presenciando algum ato de violência, acione a Polícia Militar por meio do número 190. Também é possível acionar as Delegacias Especializadas no Atendimento à Mulher e as de Proteção à Criança e ao Adolescente da sua cidade.
- **SAFERNET BRASIL** – A rede recebe denúncias de cyberbullying e crimes realizados em ambiente on-line. Para denunciar, acesse new.safernet.org.br/

- **CONSELHEIROS DE DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE** – Órgão paritário que conta com a participação da sociedade civil e do Poder Executivo municipal. Ele propõe, delibera e controla as políticas públicas municipais voltadas para crianças e adolescentes. Também faz o registro de entidades que atuam com crianças e adolescentes e acompanha se os projetos e programas realizados atendem aos requisitos da legislação. Além disso, gerencia e estabelece os critérios de utilização de recursos dos fundos de direitos da criança e do adolescente municipais (ref: <https://www.chegadetrabalhoinfantil.org.br/glossario>).

OUTROS ÓRGÃOS TAMBÉM TRABALHAM COM APOIO A CRIANÇAS, ADOLESCENTES E SUAS FAMÍLIAS:

- **CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA** – O CVV trabalha com apoio emocional e prevenção do suicídio, e atende qualquer pessoa que precise conversar anonimamente. Ligue 188 ou acesse cvv.org.br.
- **DEFENSORIA PÚBLICA** – A defensoria defende pessoas que não podem pagar por um advogado particular. Também atua quando um grupo de pessoas tem um direito violado, como falta de acesso à saúde. Procure os contatos no site da Defensoria de seu Estado.
- **MINISTÉRIO PÚBLICO** – O Ministério Público fiscaliza órgãos e agentes públicos. Vítimas de irregularidades policiais, falta de atendimento no conselho tutelar ou outros órgãos, acione o MP. Encontre os contatos no site do MP de seu Estado. O Ministério Público também pode ser acionado diretamente.
- **OUIDORIAS** – Cada órgão tem uma ouvidoria própria para receber sugestões, elogios e reclamações que não foram resolvidas de outra forma. Caso tenha um problema com algum órgão, busque o contato da ouvidoria do mesmo.
- **CREAS** – O Centro de Referência Especializada em Assistência Social é responsável por atender crianças, adolescentes e famílias em situação de risco, seja por violência, trabalho infantil, cumprimento de medidas socioeducativas ou violações de direito. Cada município possui diversos CREAS, encontre o mais perto de sua casa e entre em contato.

CENTROS DE DEFESA DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (CEDECA), INTEGRANTES DE ENTIDADES DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS DA CRIANÇA E ADOLESCENTES, ENTRE OUTROS

Os CEDECAs, por sua vez, são entidades não governamentais espalhadas pelo Brasil que buscam defender os direitos das crianças e adolescentes quando violados por atos abusivos do Poder Público, através de ações de proteção jurídico-social, promoção dos direitos da criança e do adolescente, além de mobilizações sociais. Entende-se por proteção jurídico-social as intervenções jurídicas, administrativas e legislativas que garantam a defesa dos direitos violados ou ameaçados de crianças e adolescentes.

DICAS DE ATIVIDADES PARA REALIZAR COM ESTUDANTES

Seguem abaixo algumas dicas de atividades que podem ser elaboradas para serem realizadas com estudantes.

OFICINA TEMÁTICA – A partir da metodologia utilizada neste guia didático, pode ser construída oficinas temáticas que abordem temas importantes e que estão presentes no cotidiano das crianças e adolescentes, como por exemplo, educação ambiental.

FEIRA TEMÁTICA – Um evento que articule a participação de crianças, adolescentes, jovens e suas famílias, com o propósito de uma exposição, que pode ser de resultados de atividades escolares realizados pelos(as) estudantes.

RODA DE DIÁLOGO – Uma atividade simples que pode ser realizada de modo espontâneo ou planejada, que em roda os(as) participantes podem conversar sobre temas variados, principalmente temáticas que fazem parte das conversas das crianças e adolescentes.

- **CINE DEBATE** – As(Os) estudantes são convidadas(os) para escolher um filme (documentário, narrativa fictícia ou baseada em fatos reais) para ser exibido e, após a exibição do mesmo, debaterem os aspectos que o público achar interessante.
- **TEATRO TEMÁTICO** – Por meio de uma forma lúdica, através do teatro, há possibilidades de se abordar temáticas importantes que estão presentes no cotidiano escolar, como por exemplo o *bullying*. E o legal é a construção de peças teatrais em conjunto com as(os) estudantes.
- **FEIRA DE TALENTOS** – Uma atividade que tem como objetivo incentivar e potencializar talentos e contribuir para o desenvolvimento de habilidades das crianças e estudantes.
- **FLASHMOB** – Atividades performáticas que são realizadas de modo organizado para surpreender o público por meio da música, dança, recital ou teatro mudo.
- **SEMINÁRIO** – Um evento que consiste na exposição e debate de ideias. Uma atividade participativa e educativa que possibilita a difusão de informações e a construção de conhecimentos em conjunto.
- **GINCANA** – Uma atividade participativa e educativa que permite a socialização de conhecimentos. A atividade não precisa ter apenas um(a) vencedor(a), pode se pensar em uma dinâmica na qual todos(as) os(as) envolvidos se sintam partes da vitória.
- **BLOG** – Uma página na internet que permite inserir conteúdos produzidos sobre assuntos diversos. É possível adicionar fotos e vídeos também.
- **JORNAL COMUNITÁRIO** – Uma forma de se comunicar. Pode ser realizado pelas(os) estudantes que podem abordar temas diversos que são importantes para elas(es) em seus cotidianos.



PLANO DE AÇÃO

O Plano de ação será o produto final da capacitação das atividades propostas neste Guia. Ele tem dois objetivos principais. Primeiro, o planejamento e monitoramento da replicação da metodologia pelos profissionais capacitados, pela equipe do projeto. Além disso, o Plano de Ação é um documento norteador, que contribuirá para que os multiplicadores(as) executem as atividades dentro do cronograma estabelecido com a equipe de facilitadores(as). O segundo ponto, é fazer com que seja utilizado como referência para sensibilização cotidiana das(os) estudantes, com relação aos temas abordados no curso. Este plano pode ser aperfeiçoado em conjunto com as(os) facilitadoras(es), professoras(es) e gestoras(es).

PLANO DE AÇÃO PARA PLANEJAMENTO E MONITORAMENTO

AÇÃO	CIDADE	PÚBLICO	UNIDADE ESCOLAR	RESPONSÁVEL	DURAÇÃO	NÚMERO DE PESSOAS CAPACITADAS

- **AÇÃO:** Referente às atividades que serão realizadas pelo(a) profissional.
- **CIDADE:** Local onde a unidade escolar está inserida e será realizada a atividade.
- **PÚBLICO:** Quem receberá a capacitação (educadores(as), supervisores(as) ou outros).
- **UNIDADE ESCOLAR:** escola onde a capacitação será desenvolvida. Se algum(a) multiplicador(a) disseminar a capacitação em outro espaço, que não seja a escola, precisará apontar neste item.
- **RESPONSÁVEL:** Pessoa que ficará responsável pela realização da ação.
- **DURAÇÃO:** Previsão de data para início e fim da ação.
- **NÚMERO DE PESSOAS CAPACITADAS:** Expectativa da quantidade de pessoas que participarão da ação proposta.

PLANO DE AÇÃO PARA SENSIBILIZAÇÃO COTIDIANA DAS(OS) ESTUDANTES COM RELAÇÃO AOS TEMAS ABORDADOS NO CURSO E QUE ESTÃO NESTE GUIA DIDÁTICO

TEMA QUE SERÁ ABORDADO:
QUAL ATIVIDADE DO GUIA DIDÁTICO ESTRADA DE DIREITOS SERÁ REALIZADA:
PÚBLICO:
FAIXA-ETÁRIA:
OBJETIVOS:
AÇÕES:
RESPONSÁVEIS:
PARCEIROS/AS:
PERÍODO:
DURAÇÃO:
LOCAL:
MATERIAIS NECESSÁRIOS:
RESULTADOS ESPERADOS:

EXEMPLO:

TEMA QUE SERÁ ABORDADO: Violência contra crianças e adolescentes
QUAL ATIVIDADE DO GUIA DIDÁTICO ESTRADA DE DIREITOS SERÁ UTILIZADA COMO REFERÊNCIA: Atividade 06.
PÚBLICO: Estudantes do oitavo e nono ano da Escola Estadual Darcy Ribeiro, no município de Pugmil.
FAIXA-ETÁRIA: 13 a 16 anos.

OBJETIVOS: Debater com os(as) estudantes o que é violência, falar sobre tipos de violências, bem como indicar caminhos que possibilitam a redução de violências contra crianças e adolescentes, tal como, ações preventivas.
AÇÕES: PREPARAÇÃO PARA A ATIVIDADE - Ler os textos indicados na atividade 06, do Guia Didático Estrada de Direitos; - Assistir os vídeos indicados no Guia Didático Estrada de Direitos; - Pesquisar dados sobre violência contra crianças e adolescentes, no estado do Tocantins. REALIZAÇÃO DA ATIVIDADE - Reunir as(os) estudantes em uma sala; - Iniciar a atividade com um “Quebra Gelo”, conforme indicado no Guia Didático Estrada de Direitos; - Exibir o vídeo “Desmascarando o abuso” do programa “Que abuso é esse?”, produzido pelo Canal Futura. - Realizar o passo a passo da atividade 06, do Guia Didático Estrada de Direitos
RESPONSÁVEIS: Professores(as) de Ciências e Geografia.
PARCEIROS/AS: Professores(as) de História e Português; Gestor(a) da escola.
PERÍODO: Dia 10 de setembro (quinta-feira), no período da tarde.
DURAÇÃO: 90 minutos (1º e 2º horários).
LOCAL: Sala de aula da Escola Estadual Darcy Ribeiro, no município de Pugmil.
MATERIAIS NECESSÁRIOS: - Materiais indicados para a realização da atividade 06, do Guia Didático Estrada de Direitos. - Balões/Bexigas
RESULTADOS ESPERADOS: Os(As) estudantes compreenderem o que é violência e suas diferentes formas, assim como conhecerem um pouco mais sobre as possibilidades de enfrentamento e proteção.

REALIZAÇÃO:



